



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

FRANCISCA VERIDIANA NUNES DE FREITAS

**A PRESENÇA\AusÊNCIA DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO
RACIAIS E A FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS\AS NA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.**

**FORTALEZA
2024**

FRANCISCA VERIDIANA NUNES DE FREITAS

A PRESENÇA\ausÊNCIA DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS
E A FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS\AS NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof.^º Dr. Sahmaroni
Rodrigues de Olinda.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F936p Freitas, Francisca Veridiana Nunes de.

A PRESENÇA\AusÊNCIA DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E :
E A FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS\AS NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. / Francisca Veridiana Nunes de Freitas. – 2025.

57 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,
Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Sahmaroni Rodrigues de Olinda .

1. educação Infantil. 2. formação docente. 3. Educação para as Relações Étnico Raciais .
I. Título.

CDD 370

FRANCISCA VERIDIANA NUNES DE FREITAS

A PRESENÇA\ausÊNCIA DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS
E A FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS\AS NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 25\02\2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sahmaroni Rodrigues de Olinda (Orientador)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Profa. Dra. Juliana Silva Santana
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. Alexandre Santiago da Costa
Universidade Federal do Ceará – UFC

Conheceram os valores do trabalho e do
amor
E a importância
da justiça
Sete águas revelaram em sete cores
Que a beleza é a missão de todo artista
Gbalá é
resgatar,
salvar
E a criança, esperança de Oxalá

(Gbalá, Viagem ao Templo de Criação)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar o percurso formativo traçado pelos pedagogos(as) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC) em relação à Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), com recorte temático na área da Educação Infantil. O trabalho parte da concepção da necessidade de uma educação alinhada aos parâmetros nacionais, tanto no que diz respeito à prática docente quanto à construção de uma epistemologia centrada nos princípios da ERER, especialmente nos Centros de Educação Infantil. A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica que abrangeu as áreas de formação docente, Educação Infantil e relações étnico-raciais, adotando uma abordagem qualitativa que contou com a colaboração de estudantes em formação, participantes da investigação. Como resultado, a pesquisa expôs as perspectivas dos(as) futuros(as) docentes em relação ao tema, evidenciando a correlação entre os eixos investigados. Conclui-se que a FACED/UFC apresenta lacunas formativas significativas no que se refere à Educação para as Relações Étnico-Raciais, especialmente nos contextos da Educação Infantil, destacando a urgência de uma abordagem mais consistente e crítica na formação inicial de pedagogos(as).

Palavras-chave: educação infantil; formação docente; Educação para as Relações Étnico-raciais.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo general investigar la trayectoria formativa de los pedagogos(as) de la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Ceará (FACED/UFC) en relación con la Educación para las Relaciones Étnico-Raciales (ERER), con un enfoque temático en el área de la Educación Infantil. El trabajo parte de la concepción de la necesidad de una educación alineada con los parámetros nacionales, tanto en lo que respecta a la práctica docente como a la construcción de una epistemología centrada en los principios de la ERER, especialmente en los Centros de Educación Infantil. La investigación se realizó mediante una revisión bibliográfica que abarcó las áreas de formación docente, Educación Infantil y relaciones étnico-raciales, adoptando un enfoque cualitativo que contó con la colaboración de estudiantes en formación, participantes de la investigación. Como resultado, la investigación expuso las perspectivas de los futuros docentes en relación con el tema, evidenciando la correlación entre los ejes investigados. Se concluye que la FACED/UFC presenta lagunas formativas significativas en lo que se refiere a la Educación para las Relaciones Étnico-Raciales, especialmente en los contextos de la Educación Infantil, destacando la urgencia de un enfoque más consistente y crítico en la formación inicial de pedagogos(as).

Palabras clave: educación de la primera infancia; formación del profesorado; Educación para las Relaciones Étnico-raciales.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ETNICAMENTE DIVERSA ESTÁ ALINHADA COM A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA REALIZADA PELA FACED?	12
2.1	A Faculdade de Educação	12
2.2	Educação para as relações étnico raciais no Brasil	15
2.3	Educação Infantil e as Concepções de Infância(s)	17
2.4	Educação para as relações étnico raciais na Educação Infantil.....	20
3	METODOLOGIA	22
4	PERCEPÇÃO SOBRE O PAPEL DO PEDAGOGO NA PROMOÇÃO	30
	DA ERER NA EDUCAÇÃO INFANTIL	30
4.1	O Letramento Racial como Catalisador de Olhares Críticos.....	30
4.2	O potencial da Universidade enquanto espaço acadêmico	34
	e as lacunas formativas	34
4.3	A urgência por formação obrigatória e a voz do estágio como alerta.....	37
4.4	(Des)encontro temático entre as disciplinas de Educação Infantil	41
	e as Relações Étnico Raciais	41
4.5	Desafios na Aplicação dos Conceitos de Relações Étnico-Raciais	47
	(ERER) na Educação Infantil durante o Estágio Curricular	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS.....	54
	ANEXO A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	57

1 INTRODUÇÃO

A educação, enquanto instrumento de transformação social, tem sido alvo de constantes debates e reformulações ao longo da história, especialmente no que diz respeito à promoção da igualdade e ao respeito à diversidade. Nesse contexto, a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) emerge como uma temática fundamental, visando combater o racismo e valorizar as culturas afro-brasileira e indígena no ambiente escolar.

No âmbito da formação na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC), o contato com essa temática de forma mais explícita ocorreu inicialmente em dois momentos significativos: primeiro, na disciplina obrigatória de Educação Infantil, por meio de um seminário que despertou meu interesse e deu início às minhas pesquisas na área; e, posteriormente, no estágio de Educação Infantil, também componente obrigatório, onde pude observar, a partir da inserção no cotidiano de uma instituição de Educação Infantil, as problemáticas e os desafios decorrentes de uma abordagem inadequada dessa temática no desenvolvimento das crianças.

Nesse estágio, tive a oportunidade de realizar minha primeira pesquisa científica, correlacionando os temas em questão. Como resultado desse trabalho, foi produzido o artigo “Pretagonismo” na Infância: a epistemologia presente\ausente na educação para relações étnico-raciais em um Centro de Educação Infantil!”, de minha autoria em coautoria com o Professor Orientador desta monografia, Sahmaroni Rodrigues de Olinda. Essa experiência foi fundamental para aprofundar meu entendimento sobre a temática e consolidar minha trajetória acadêmica.

O interesse pela pesquisa surgiu a partir de um seminário realizado no semestre de 2022.1, durante a disciplina obrigatória "Educação Infantil", ministrada pelo Professor substituto Pedro Aquino. Esse primeiro contato teve um impacto significativo na minha formação enquanto mulher negra e pedagoga, ao correlacionar, de maneira epistemologicamente coerente e politicamente engajada, os dois eixos da pesquisa: Educação Infantil e Relações Étnico-Raciais. A partir desse momento, a vontade de correlacioná-los foi cada vez maior, assim como a necessidade dessa formação nos campos de estágio.

A partir desse relato, nota-se que a temática de Relações Étnico-Raciais está presente nos contextos da FACED, refletida até mesmo nas nuances arquitetônicas do prédio. Além disso, a bibliografia relacionada ao tema aparece em algumas disciplinas, e há grupos de extensão que visam levar essa discussão para as escolas por meio de projetos.

Vale destacar que, até então, não havia uma disciplina específica no currículo da FACED/UFC dedicada à ERER. No entanto, é importante ressaltar que alguns docentes da instituição possuem uma prática pedagógica epistemologicamente coerente, inserindo o tema de forma transversal em suas disciplinas.

Diante desse cenário, surge a seguinte questão: Qual a formação acadêmica que os pedagogos formados pela FACED/UFC estão recebendo para atuarem na Educação Infantil, considerando o recorte temático da Educação para as Relações Étnico-Raciais?

O objetivo geral dessa monografia busca compreender a presença/ausência da ERER na formação em Pedagogia, delimitando essa licenciatura como locus de formação inicial de docentes para atuação na Educação Infantil.

Enquanto objetivos específicos: Analisar, a partir da percepção dos pedagogos em formação da FACED/UFC, se estes se sentem capacitados em relação à fundamentação teórico-prática da ERER; Mapear as (des)aparições da ERER na formação do/a pedagogo/a para atuação na Educação Infantil; Investigar os desafios encontrados pelos pedagogos em formação durante o estágio curricular no que se refere à aplicação dos conceitos de relações étnico-raciais (ERER) na Educação Infantil.

Essa pesquisa busca, portanto, contribuir para a reflexão sobre a formação dos pedagogos, destacando a importância de uma abordagem consistente e crítica da ERER desde a formação inicial, especialmente para atuação na Educação Infantil, etapa crucial para a construção de identidades e valores livres de preconceitos e discriminações.

Para a realização desta pesquisa, optou-se pela metodologia qualitativa,

utilizando como principais instrumentos entrevistas semiestruturadas e a análise documental. As entrevistas foram conduzidas com 6 participantes, cujas respostas foram posteriormente tabuladas e organizadas em categorias temáticas, permitindo uma análise mais sistemática e aprofundada dos dados. Essa abordagem metodológica possibilitou correlacionar as percepções dos entrevistados com os documentos analisados, enriquecendo a compreensão do fenômeno estudado.

No que diz respeito à análise dos dados, a tabulação categórica foi essencial para identificar padrões e tendências nas respostas, facilitando a interpretação dos resultados à luz do referencial teórico. Além disso, o engajamento e a receptividade dos entrevistados foram aspectos positivos que contribuíram para a qualidade e a riqueza dos dados coletados.

Esses procedimentos metodológicos, aliados à participação ativa dos entrevistados, forneceram subsídios para a discussão dos resultados e para a elaboração das considerações finais, nas quais se destacam as implicações práticas e teóricas da pesquisa.

A monografia está organizada a partir da introdução, da fundamentação teórica que teve como principal objetivo destrinchar os principais tópicos que apareceram ao longo da realização da pesquisa, a fim de gerar o embasamento teórico necessário para a referida pesquisa científica, posteriormente a metodologia se concentrou em explicitar as ferramentas utilizadas para a análise de dados, que aparecerá em seguida organizada a partir dos eixos e categorias.

2 A PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ETNICAMENTE DIVERSA ESTÁ ALINHADA COM A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA REALIZADA PELA FACED?

“Aonde a pé vai, se gasta a sola
Lugar de samba enredo é na escola”
(SAMPAIO, S.).

2.1 A Faculdade de Educação

O curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC), ao longo de seus 60 anos de existência, tem formado inúmeros professores que atuam em diversas regiões do Brasil. Além de seu inquestionável prestígio como instituição de ensino, pesquisa e extensão, a Faculdade de Educação (FACED) se destaca como um espaço de formação integral, promovendo o desenvolvimento pleno dos sujeitos envolvidos nos processos educacionais, com suporte oferecido pela própria faculdade.

Nesse contexto, o entendimento de educação na FACED, conforme um de seus documentos normativos, reconhece a complexidade e diversidade das relações e práticas culturais que permeiam o processo educativo. Como destacado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC):

[...] A educação é um processo amplo e que envolve relações sociais muito complexas, bem como práticas culturais altamente diversas. Nesse sentido, processos de caráter educativo ocorrem em todos os lugares em que esteja em curso uma trajetória de formação da pessoa humana. [...] (PPC, 2014)

Partindo desse contexto, o compromisso com a formação de professores tem sido explicitamente consolidado desde 1961, considerando todas as mudanças legais que marcaram a trajetória do curso. Atualmente, o curso de Pedagogia parece atender com excelência a diversas demandas formativas. É importante ressaltar que tais demandas devem estar alinhadas com o papel do pedagogo em nível social, sendo válido enfatizar que esse papel se transformou ao longo do tempo, desde os jesuítas nos primórdios até os pedagogos formados na contemporaneidade.

Nesse sentido, Saviani (2021, p. 204) destaca que, de um curso assim estruturado, “espera-se que irá formar pedagogos com uma aguda consciência da

realidade onde vão atuar, com uma adequada fundamentação teórica que lhes permitirá uma ação coerente e com uma satisfatória instrumentação técnica que lhes possibilitará uma ação eficaz". Essa perspectiva reforça a necessidade de uma formação que não apenas prepare tecnicamente os pedagogos, mas também os conscientize sobre seu papel social e os desafios da realidade educacional.

É fundamental destacar que as demandas formativas também se modificam com o tempo. Diante disso, a formação acadêmica em Licenciatura em Pedagogia tornou-se um requisito obrigatório para o mercado de trabalho, indo além da exigência anterior, que era apenas o tecnólogo em magistério. Paralelamente, os documentos normativos que regulamentam a formação de professores e as práticas pedagógicas nas instituições de ensino também evoluem ao longo do tempo, devendo, portanto, estar alinhados às demandas sociais.

No entanto, é válido ressaltar que, mesmo com os avanços documentais, como a inserção da temática étnico-racial por meio da Lei 10.639/2003, e os alinhamentos temáticos presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e no Plano Nacional de Educação (PNE), é essencial que os pedagogos assumam uma postura vigilante e atenta, garantindo que as práticas pedagógicas estejam em consonância com todos esses documentos.

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Pedagogia da UFC é estruturado com base em nove princípios norteadores: Totalidade dos processos educacionais, Pertinência e Relevância Social, Respeito e Valorização das Diferenças e Diversidades Culturais e Linguísticas, Formação Crítico-Reflexiva Ancorada no Diálogo e no Trabalho Colaborativo, Articulação dos Conhecimentos Teóricos com os Saberes Práticos, Integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão, Flexibilidade Curricular, Interdisciplinaridade e Acessibilidade.

Ao analisar cada um desses princípios, observa-se uma clara tendência do curso em se adaptar de forma dinâmica às transformações sociais, garantindo uma formação que acompanhe as demandas constantemente mutáveis da sociedade. Essa capacidade de adaptação é essencial para preparar pedagogos críticos, reflexivos e capazes de atuar de maneira eficaz e relevante em diversos contextos educativos.

Nesse sentido, é fundamental promover o desenvolvimento de pesquisas

que se expandam desde a graduação, como etapa inicial da formação docente, até os níveis mais avançados de qualificação. Essa abordagem reforça a ideia de que a graduação desempenha um papel central na construção de uma formação crítica, inclusiva e alinhada às demandas da diversidade educacional.

Sob a perspectiva apresentada no Parecer CNE/CP nº 22/2019, os cursos de formação de professores devem incorporar, em seus currículos, diversas abordagens que estejam intrinsecamente alinhadas ao compromisso social da docência. Entre os princípios destacados no documento, de acordo com o parecer XVI, “[...] a adoção de uma perspectiva intercultural de valorização da história, da cultura e das artes nacionais, bem como das contribuições das etnias que constituem a nacionalidade brasileira [...]” (BRASIL, 2019).

Essa diretriz evidencia a importância e obrigatoriedade em lei de uma formação docente que reconheça e valorize a pluralidade cultural, promovendo práticas educacionais que refletem o compromisso com a equidade e a diversidade.

Paralelamente, a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatória a inserção do ensino de história e cultura afro-brasileira nas instituições de educação básica, exerce uma influência direta sobre a formação de professores capacitados para atender essa demanda. O currículo universitário, nesse contexto, assume um papel político essencial, especialmente no que diz respeito à preparação docente para uma educação inclusiva e antirracista.

Além disso, teóricos e teóricos engajados destacam a importância da descolonização dos currículos, com o objetivo de promover uma prática pedagógica epistemologicamente coerente, política e ética. Conforme argumenta Selma Garrido Pimenta (2021):

[...] O argumento central defende a necessidade de que o curso de Pedagogia se consubstancie em uma teoria da Pedagogia cientificamente referenciada e socialmente engajada, para formar educadores(as) que deverão atuar em diferentes espaços [...] (Pimenta, 2021, p. 41).

Partindo dessa perspectiva, é essencial que o curso de Pedagogia seja um espaço que potencializa a formação de professores, capacitando-os para atuar de maneira ativa e efetiva em diversos contextos educativos, tais como a área de gestão escolas; espaços não escolares; educação especial na perspectiva inclusiva; educação ambiental etc. No entanto, para os fins desta discussão, nos concentraremos na formação voltada à educação infantil, entendida como a etapa em que a criança é

inserida no ambiente escolar, abrangendo creches e pré-escolas, com atendimento até os 5 anos de idade.

Ao relacionar os argumentos apresentados até o momento com os apontamentos de Kishimoto (2005), percebe-se que as concepções adotadas nos contextos de formação docente são fundamentais para o estabelecimento e a elaboração de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a criança como sujeito ativo, socialmente engajado e dotado de direitos. Logo, é necessário que essas concepções estejam alinhadas e fundamentadas, daí vem o papel da formação inicial de professores da educação básica.

2.2 Educação para as relações étnico raciais no Brasil

Ao abordar a implementação da Lei nº 10.639, é imprescindível destacar o papel de protagonismo do Movimento Negro Unificado (MNU), que desempenhou uma função decisiva na luta pela sua elaboração e adoção em âmbito nacional. Embora avanços significativos tenham sido conquistados, ainda existem desafios substanciais para a plena integração das diretrizes dessa legislação nos currículos escolares e universitários. Contudo, os progressos alcançados até o momento sinalizam um caminho promissor na direção da construção de uma educação mais equitativa e representativa.

O papel político protagonizado pelo Movimento Negro Unificado (MNU) reflete de maneira significativa a trajetória percorrida até a consolidação da Lei 10.639/2003. Esse movimento foi pioneiro na mobilização e nos protestos que reivindicaram não apenas a implementação da temática étnico-racial nas escolas, mas também transformações mais amplas na sociedade. Além de ser um movimento político e social, o MNU mostrou-se fundamental na construção de políticas públicas e na promoção de mudanças nas estruturas sociais desde sua fundação até os dias atuais. Sua atuação continua sendo essencial para a luta por igualdade e justiça social.

Ao analisarmos o Plano Nacional de Educação (PNE) em diálogo com os objetivos desta monografia, observamos que o documento incorpora a temática étnico-racial em uma de suas diretrizes e a menciona em quatro metas específicas: 8, 16, 18 e 20. A partir dessa análise, percebe-se que o PNE reforça a relevância da

Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) como um eixo fundamental para a promoção da igualdade e da diversidade no sistema educacional. No entanto, cabe destacar que o PNE não aborda de forma explícita e específica a relação dessa temática com a Educação Infantil, o que poderia ampliar o debate e as ações voltadas para a primeira etapa da educação básica. Essa lacuna sugere a necessidade de maior aprofundamento e articulação entre as políticas públicas e as práticas pedagógicas direcionadas às crianças pequenas, considerando a importância de se trabalhar a diversidade étnico-racial desde os primeiros anos de vida.

Especificando o debate, Gomes (2010) enfatiza, em seus estudos, a importância da implementação eficaz da Lei no contexto escolar, considerando-a uma peça fundamental para a promoção de uma educação igualitária, que respeite as especificidades dos sujeitos sociais como agentes ativos, sem perder de vista o direito universal à educação previsto no Art. 205 da Constituição (BRASIL, 1988).

Além disso, os conceitos de raça e letramento racial, sob a ótica de Neusa Soares (1983), emergem ao longo da pesquisa com a perspectiva de que a compreensão racial é uma construção social e subjetiva dos indivíduos. Nesse sentido, a autora destaca a relevância do letramento racial na formação da identidade de pessoas negras, sendo o reconhecimento da negritude um aliado essencial na promoção de uma educação igualitária.

Parafraseando Cavalleiro (2024), para o enfrentamento da discriminação racial nos contextos escolares, é crucial adotar a perspectiva de que tais questões atravessam as instituições de ensino em todas as faixas etárias e instâncias educacionais. Para ilustrar essa teoria, a autora expõe como os atravessamentos raciais históricos, incluindo a ideologia da "democracia racial", se estendem para além da sociedade, influenciando o cotidiano escolar sem a devida mediação dos educadores, conforme Cavalleiro (2024) "A ideologia da 'democracia racial' aparece como um elemento complicador da situação do negro".

Portanto, é fundamental destacar o compromisso da Universidade Federal do Ceará com a formação de professores, evidenciado por suas contribuições significativas nesse campo ao longo dos anos. No entanto, é igualmente importante ressaltar que ainda existem lacunas formativas, especialmente no que se refere à integração da temática étnico-racial aos princípios e fundamentos da educação infantil. Para além disso, uma das metas do programa está relacionada com a

formação de professores, o que é uma das óticas investigativas presentes na referida monografia.

Dentre os avanços e retrocessos presentes no contexto das políticas públicas nacionais nos últimos anos, a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ) emerge como uma ferramenta essencial para o mapeamento da implementação da Lei nº 10.639/2003 nos contextos escolares. Além de fiscalizar, compreender a efetivação (ou não) dessas metodologias é fundamental para o aperfeiçoamento e a busca de uma implementação mais consistente e temática, visando um melhor aproveitamento da legislação.

Partindo dessa perspectiva, torna-se essencial realizar um recorte temático em nível estadual, considerando que, apesar das lacunas já identificadas no contexto educacional, o Ceará tem protagonizado diversos projetos em prol da causa étnicoracial. Essas iniciativas motivam as instituições de ensino e contribuem para a formação de educadores politicamente engajados.

Um exemplo emblemático é a implementação dos selos de escola antirracista, adotados por escolas cearenses como forma de reconhecer e incentivar práticas pedagógicas voltadas para a equidade racial. Além disso, destacam-se as formações continuadas oferecidas aos professores da rede municipal de ensino, que buscam capacitar os profissionais para abordagens mais críticas e inclusivas em sala de aula. Essas ações demonstram um esforço significativo para superar as barreiras existentes e promover uma educação antirracista e plural.

Nesse contexto, surge o questionamento: a formação inicial em Pedagogia oferecida pela Universidade Federal do Ceará, reconhecida como a 23^a melhor universidade da América Latina e a 1^a do Norte e Nordeste, segundo um estudo britânico (UFC, 2024), está preparada para atender às demandas formativas necessárias para o estabelecimento de uma educação equitativa desde os primeiros anos de escolarização?

2.3 Educação Infantil e as Concepções de Infância(s)

Para que a prática pedagógica esteja alinhada à temática étnico-racial,

especialmente no contexto da educação infantil, é essencial que os profissionais da educação atuantes nesse campo compreendam as contribuições da Sociologia da Infância (SARMENTO, 2008). Esse campo teórico enfatiza que crianças pequenas, desde o nascimento, são formadoras de cultura, influenciando direta ou indiretamente a produção de novas perspectivas

Segundo Sarmento (2008), há uma crescente demanda científica pela produção de conhecimentos que reconheçam as crianças como sujeitos socialmente ativos. No entanto, apesar dos avanços acadêmicos e sociais no entendimento da infância, ainda persiste uma discriminação contra as crianças, muitas vezes manifestada por uma visão adulto cêntrica de educação, amplamente promovida pela pedagogia tradicional:

[...] Considerando, simultaneamente, as dimensões estruturais e interativas da infância, a Sociologia da Infância desenvolve-se contemporaneamente, em boa parte, por necessidade de compreensão do que é um dos mais importantes paradoxos atuais: nunca como hoje as crianças foram objeto de tantos cuidados e atenções e nunca como hoje a infância se apresentou como a geração onde se acumulam exponencialmente os indicadores de exclusão e sofrimento. [...] (Sarmento, 2008 pág. 18-19).

O conceito de múltiplas infâncias, apresentado por Balagopalan apud Castro (2021), constitui um ponto de partida fundamental para a pesquisa, pois possibilita a valorização da diversidade cultural presente nos contextos infantis. Ampliando a compreensão sobre as relações presentes nos diversos âmbitos da educação, é possível destacar aspectos como a multiculturalidade, a diversidade étnico-racial e as especificidades geográficas nas instituições de ensino.

Ao adotar o conceito de múltiplas infâncias, o educador reorienta sua prática pedagógica, centrando-a na criança e em suas experiências. Ao romper com a visão adulto cêntrica, o educador valoriza os saberes infantis e reconhece a criança como sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem. Conforme aponta Formosinho (2007) “a pedagogia da infância deve resgatar a memória e a história das crianças, reconhecendo que seus saberes são construídos socialmente e carregam em si as sementes de uma nova forma de educar”.

Ao valorizar a diversidade de infâncias, a educação contribui significativamente para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Nessa perspectiva, é fundamental que a escola aborde as questões étnico-raciais nos

contextos da educação infantil de forma séria e equitativa, promovendo uma educação antirracista.

Complementam nossa fundamentação teórica os estudos de Rosemberg (2012), Kishimoto (2006), Lino (2018) e Rinaldi (2014), entre outros que surgiram da análise dos dados. Esses autores contribuíram significativamente para a compreensão da educação infantil, fornecendo subsídios teóricos para a análise dos resultados desta pesquisa.

Ao analisarmos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e relacioná-la especificamente com a temática da pesquisa, a Educação para as Relações ÉtnicoRaciais (ERER) e a Educação Infantil (EI), observamos que o documento enfatiza a necessidade de construir uma participação respeitosa e inclusiva dentro das instituições de ensino. Paralelamente, a BNCC destaca a importância da valorização da história e cultura afro-brasileira e indígena, incorporando-as nas práticas pedagógicas. No entanto, sentimos falta de um direcionamento mais fundamentado epistemologicamente que estabeleça uma conexão clara e profunda entre esses dois temas, especialmente no contexto da Educação Infantil.

Ao analisarmos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), estabelecidas pela Resolução CNE/CEB nº 5/2009, é válido ressaltar que o documento orienta que as práticas pedagógicas devem promover a “igualdade e o respeito às diferenças”. No entanto, assim como na BNCC, percebe-se uma lacuna na incorporação temática explícita da ERER, o que poderia ampliar e fortalecer as discussões e ações voltadas para a diversidade étnico-racial na primeira etapa da educação básica.

Por fim, ao examinarmos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), notamos que, assim como nos demais documentos, ela reforça a necessidade de estabelecer práticas pedagógicas coerentes que respeitem e valorizem as diferenças. Contudo, também não há uma incorporação temática específica que articule de maneira clara e detalhada a ERER com a Educação Infantil, deixando uma brecha para a implementação de políticas e práticas mais consistentes e alinhadas às demandas sociais contemporâneas.

Em síntese, embora esses documentos reconheçam a importância da diversidade e do respeito às diferenças, ainda há uma necessidade de maior aprofundamento e articulação teórico-prática que integre de forma explícita e

consistente a ERER à Educação Infantil, garantindo uma abordagem mais efetiva e transformadora desde os primeiros anos de vida.

2.4 Educação para as relações étnico raciais na Educação Infantil

Com base nessas reflexões, este trabalho busca estabelecer conexões entre a educação infantil e as relações étnico-raciais no Brasil. Nesse sentido, é fundamental compreender a escola como um espaço socialmente ativo, onde se constroem identidades, valores e relações de poder. Ao adotar essa perspectiva, concordamos com hooks (2017) quando afirma que "Tivemos de lembrar a todos, várias vezes, que nenhuma educação é politicamente neutra" (p. 53). A escola, portanto, é um local de escolhas políticas e de construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

A formação inicial de professores assume um papel crucial na transformação das práticas pedagógicas e na promoção da equidade racial na educação infantil. É imprescindível que os futuros educadores sejam preparados para atuar em um contexto escolar marcado por desigualdades raciais. Nesse sentido, a busca por conhecimentos teóricos atualizados e a diversificação das práticas pedagógicas são fundamentais. Concordamos com Gomes e Araújo (2023, p. 10) quando afirmam que:

[...] o espaço de Educação Infantil, como os demais, é estruturalmente racializado e não tem cumprido seu papel estabelecido por lei: a oferta de educação de qualidade e de condições igualitárias a todas as crianças, visando o seu desenvolvimento integral. [...] (GOMES; ARAÚJO, 2023, p. 10)

A formação inicial deve, portanto, equipar os professores para identificar e desafiar essas práticas, promovendo uma educação mais justa e equitativa para todas as crianças.

Portanto, a partir dessa perspectiva faz-se necessário e urgente a inserção temática das relações étnico raciais em creches e pré-escolas, pois a partir do momento que há um entendimento no que se refere ao tratamento dessas temáticas pelas crianças, há uma necessidade de mediação pois como dito anteriormente, pela inserção social e participação ativa, não seria surpresa se as crianças reproduzem atitudes de discriminação racial devido a, infelizmente, familiaridade com o tema. Partindo da necessidade da intervenção e mediação do professor, citamos Cavalleiro

(2024) no que se refere às consequências do não tratamento da temática por parte da instituição:

[...] O silêncio que envolve essa temática nas diversas instituições sociais favorece que se entenda a diferença como desigualdade e os negros como sinônimos de desigual e inferior. [...] A ausência de questionamento pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizarem aprendizagem baseadas, muitas vezes, no comportamento acrítico dos adultos à sua volta. [...] (Cavalleiro, 2024 p. 20)

Inserido juntamente nos contextos escolares, outra pauta essencial para o andamento da pesquisa é a elaboração de uma prática pedagógica, desde a universidade, que trabalhe o letramento racial nos agentes envolvidos nos processos educativos, principalmente professores e crianças. Não obstante, ressaltamos a necessidade do engajamento de toda comunidade escolar, envolvendo famílias e coordenação pedagógica, para que a partir disso seja estabelecido na escola, um lugar eticamente político e engajado socialmente (PIMENTA, 2021).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) destacam os principais princípios da Lei nº 10.639/2003. No entanto, assim como ocorre em diversos documentos, percebe-se a ausência de metodologias e intervenções específicas voltadas para a Educação Infantil.

Em contraste com essa lacuna, observa-se que outros estudos e iniciativas têm buscado articular esses dois temas de forma mais consistente. Um exemplo notável é o trabalho desenvolvido pelo Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância (NCPI), que se dedicou a explorar novos olhares e abordagens para a correlação entre Educação Infantil e relações étnico-raciais. Da mesma forma, o Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (MIEIB) tem se destacado por promover discussões e práticas que integram essas temáticas, reforçando a importância de uma abordagem mais inclusiva e representativa desde os primeiros anos de vida.

Essa dualidade entre a ausência de diretrizes específicas e a presença de iniciativas inovadoras evidencia a necessidade de ampliar e consolidar propostas pedagógicas que contemplam a diversidade étnico-racial na Educação Infantil, garantindo uma formação mais equitativa e plural desde a primeira infância.

Portanto, é importante que haja um tecimento entre as teorias elaboradas

pelos pesquisadores dos dois âmbitos (educação infantil e educação para as relações étnico raciais), cito CAVALLEIRO, 2024); CARDOSO (2021); bell hooks (2017); SOUZA (1983); Rosemberg (2012), Kishimoto (2006), Lino (2018) e Rinaldi (2014). Fundamentada na elaboração de uma prática pedagógica respeitosa e equitativa racialmente para todas as crianças, partindo dessa premissa apontaremos as contribuições da monografia nos capítulos posteriores.

3 METODOLOGIA

O objetivo geral desta monografia visa compreender a presença/ausência da ERER na formação em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED-UFC), delimitando esta licenciatura como lócus de formação inicial de docentes para atuação na Educação Infantil.

Partindo disso, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, considerando a dimensão não quantitativa dos dados a serem produzidos a partir das inquirições da pesquisa, essa abordagem permitiu explorar aspectos subjetivos e complexos relacionados ao tema investigado.

Como afirma Minayo *et al.* (2002):

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. [...] (Minayo, 2002, p. 21-22)

Embora a pesquisa seja de cunho qualitativo, reconhece-se que, durante a coleta de dados, elementos quantitativos podem complementar a análise qualitativa (MYNAIO, 2002 apud BONI; QUARESMA, 2005 p. 70). Com isso, espera-se que o grau de complexidade do objeto de pesquisa seja destrinchado da melhor forma.

Além dos aspectos já destacados, é importante destacar o caráter exploratório desta pesquisa, que se consolida como um ponto de partida para estudos futuros, a partir do aprofundamento no objeto pesquisado. Segundo Piovesan e Temporini (1995) a pesquisa exploratória tem como principal objetivo oferecer maior familiaridade com o problema, proporcionando uma compreensão inicial que possibilite a formulação de hipóteses e o planejamento de investigações mais detalhadas.

Conforme Gil (2008), “[...] o produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados [...]” (p. 27). Nesse sentido, a pesquisa exploratória não apenas introduz o tema, mas também orienta os próximos passos da investigação científica, desempenhando um papel essencial na construção de conhecimento.

No que se refere aos critérios para a delimitação do público-alvo da pesquisa, leva-se em consideração o percurso formativo, considerando apto aquele que já percorreu mais da metade do curso, priorizando-o aqueles que já estão nos semestres finais.

Além do percurso formativo na graduação em Pedagogia, foi considerada a autoidentificação racial dos entrevistados. Parafraseando Lino Gomes (2010), é fundamental estabelecer a relação entre raça e nível de escolarização, considerando que ambos influenciam a subjetividade do sujeito na sociedade.

Segundo Gomes (2010) a construção e identificação identitária seguindo uma perspectiva social, política e cultural, elementos que são norteadores da prática pedagógica:

É nesse contexto histórico, político, social e cultural que os negros e as negras brasileiros constroem suas identidades e, dentre elas, a identidade negra. Como toda identidade, a identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e socialmente de forma diversa (GOMES, 2010, p. 98).

Outro recorte metodológico estabelecido para o andamento da pesquisa, se refere a existência de experiências práticas com a educação infantil, tendo em vista que o referido trabalho foca na atuação dos pedagogos formados pela FACED-UFC para o enfrentamento do racismo no ambiente escolar.

No entanto, é válido ressaltar que o referido enfrentamento realizado\ou não nas instituições de ensino, refere-se também a inserção e implementação efetiva da Lei 10.639 nos currículos escolares, pois as salas de referência e o ambiente escolar é um ambiente estruturalmente racializado (Gomes; Araújo, 2023 p.10), seja isso discutido dentro das instituições ou não.

Embora a pesquisa seja de cunho qualitativo, reconhece-se que, durante a

coleta de dados, elementos quantitativos podem complementar a análise qualitativa (Mynaio, 2002 apud Boni; Quaresma, 2005 p. 70). Com isso, espera-se que o grau de complexidade do objeto de pesquisa seja destrinchado da melhor forma.

Além disso, foram realizadas (número de entrevistas), com base em um roteiro pré-estruturado que abordou os seguintes eixos temáticos:

- Perfil pessoal: contemplando experiências que transcendem o âmbito pedagógico, com ênfase na construção do sujeito enquanto ser social, a partir de suas vivências sociais e raciais.
- A Faculdade de Educação da UFC: analisando a formação do pedagogo na FACED-UFC em relação ao objeto de pesquisa.
- Os estágios: articulando os pontos anteriores, este eixo buscou investigar como as vivências práticas dos estágios contribuem para o letramento racial dentro das instituições educacionais.

A coleta e produção de dados foram realizadas por meio de entrevistas. A escolha desse dispositivo deveu-se à riqueza de detalhes que ele pode proporcionar em contextos investigativos, além de permitir explorar aspectos subjetivos dos entrevistados, o que estava alinhado a um dos objetivos da pesquisa. Além disso, os dados coletados foram correlacionados com os documentos mencionados anteriormente no trabalho, reforçando a construção de uma pesquisa de cunho exploratório e documental.

A posteriori, as entrevistas foram realizadas tanto em formato presencial quanto através de chamadas *Onlines no Meet*, variando de acordo com a disponibilidade dos colaboradores da pesquisa. Paralelamente à realização das entrevistas, utilizei o gravador do meu dispositivo móvel para que fosse possível registrar a realização das entrevistas de forma concisa e fidedigna para que isso norteasse a transcrição, que foi realizada em todas elas. Além disso, é válido destacar que antes das realizações das entrevistas, foram entregues via *Whatsapp* o termo de consentimento livre e esclarecido para todos os participantes.

Outro aspecto crucial a ser considerado é que em todas as entrevistas presentes no referido projeto, serão utilizados nomes fictícios que foram escolhidos de forma com que não houvesse obrigatoriamente, ligação com as pessoas de forma

direta, evidenciando a inexistência de qualquer vínculo do nome fictício com o real colaborador da pesquisa.

Partindo disso, segue abaixo a tabela de perfis dos sujeitos, afim de facilitar a organização dos dados.

Tabela 1 – Perfil dos sujeitos da pesquisa

Pseudônimo	Gênero	Identificação Racial	Semestre
Nina	Feminino	Negra	8º
Vânia	Feminino	Parda	8º
Júlio	Masculino	Negro	8º
Lucia	Feminino	Parda	8º
César	Masculino	Branco	7º
Júlia	Feminino	Negra	8º

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Faz-se necessário explicitar o uso da terminologia de raça, tendo em vista que esta foi um dado coletado na entrevista pois está diretamente relacionada com os objetivos do estudo, para isso, utilizei os apontamentos teóricos realizados por Neusa Souza (1983)

Convém explicitar que raça aqui é entendida como noção ideológica, engendrada como critério social para distribuição de posição na estrutura de classe. Apesar de estar fundamentada em qualidade biológica, principalmente cor da pele, raça sempre foi definida no Brasil em termos de atributo compartilhar por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais. (SOUZA, 1983, pág. 20)

A primeira conversa foi com Nina, mulher negra que está nos semestres finais do curso de Pedagogia Diurno, mais especificamente, no oitavo semestre. Ao longo do procedimento de coleta e produção de dados que durou pouco mais de 23 minutos, foram relatados diversos pontos formativos presentes e ausentes da FACED, Nina se mostrou muito disponível para a realização da pesquisa, o que

condiz com seu comprometimento com a realização da mesma. Não obstante, uma especificidade dessa primeira entrevista foi que mesmo depois de mais de 20 minutos de conversa, Nina após a realização da mesma, foi até o meu contato e mandou mais dois áudios “reinterpretando” dados que foram fornecidos por ela, a fim de detalhar suas perspectivas sobre o tema e as perguntas que foram realizadas.

A segunda entrevista foi realizada com Vânia, mulher parda que está no oitavo semestre. No decorrer da entrevista, foi notório a dificuldade\desconforto presente durante o discurso em relação a sua auto identificação racial, dado recorrente no que se refere às pessoas pardas, como veremos posteriormente. A coleta de dados teve duração de pouco mais de 20 minutos e foi realizada via plataforma online de vídeo.

A terceira entrevista foi realizada presencialmente na Faculdade Educação, o entrevistado nomeado enquanto Júlio, é um homem negro e está no oitavo semestre da Graduação em Pedagogia Noturno, no entanto, o mesmo aponta a “mesclagem” entre os horários das disciplinas, mesmo tendo um contato maior com turma no noturno, ele aponta que já realizou várias disciplinas no diurno. Essa foi a única coleta de dados que foi realizada de forma presencial e a que teve menos tempo de duração, totalizando pouco mais de 11 minutos. Um ponto válido a ser ressaltado foi que apesar das contribuições significativas fornecidas pelo entrevistado, não houveram falas que se encaixassem nas categorias que foram abordadas no decorrer da pesquisa e para que não houvesse uma repetição de citações, Júlio não aparece na análise de dados diretamente, no entanto, é indispensável relatar suas contribuições simbólicas para o andamento da pesquisa.

A quarta entrevista, realizada com a participante Lúcia (nome fictício), uma mulher parda cursando o oitavo semestre, foi conduzida em formato online, utilizando a plataforma WhatsApp. Essa escolha se deu em virtude de restrições técnicas enfrentadas pela entrevistada, que impossibilitaram a utilização da ferramenta Google Meet. A fim de garantir a realização da entrevista, o protocolo de coleta de dados foi adaptado à realidade da participante. Embora o formato WhatsApp apresente limitações para a captação de dados não verbais, foi possível coletar informações relevantes sobre a dificuldade de autodeclaração racial, um tema recorrente entre a população parda no Brasil. Essa temática será objeto de análise aprofundada na

pesquisa. A entrevista teve duração total de aproximadamente 30 minutos, com contribuições relevantes para o andamento da pesquisa.

A quinta entrevista foi realizada com César, homem branco e que está no sétimo semestre do curso de Pedagogia diurno, a entrevista foi realizada via google Meet e foi a que teve maior duração, totalizando mais de 1h de coleta de dados. Ao longo do procedimento, César se mostrou um homem branco que reconhece suas particularidades raciais enquanto homem branco e isso interferiu diretamente nas suas falas. Outro ponto importante a ser frisado é que esse entrevistado é o único que assim como eu, também está em processo de pesquisa na área de educação infantil, o que fez com que os dados fornecidos e produzidos contribuíssem de forma extrema para o andamento da pesquisa, o que explica a grande quantidade de falas analisadas fornecidas por ele na análise de dados.

A última entrevista, com Júlia, uma estudante negra do oitavo semestre, inicialmente foi realizada por videoconferência. No entanto, devido ao baixo volume do microfone de Júlia e à instabilidade da conexão de internet, os dados coletados não puderam ser utilizados. Para garantir a qualidade da gravação e a possibilidade de uma transcrição precisa, a entrevista foi refeita via WhatsApp, plataforma com a qual a participante já estava familiarizada. Apesar da mudança de plataforma, o conteúdo da entrevista permaneceu o mesmo e mais contributivo, tendo em vista que a possibilidade dos áudios fez com que a entrevistada fornecesse mais dados.

No total, ao fim das entrevistas e das transcrições, foram totalizadas 65 páginas de transcrição, com isso, a tabulação de dados foi instrumento fundamental para a seleção das falas analisadas na discussão de dados. As falas que foram selecionadas foram as que tinham mais a ver com os objetivos específicos e o geral, a escolha foi feita a través de afunilamentos categóricos, que além de possibilitar uma maior organização de dados, possibilitou uma sistematização das categorias mais recorrentes.

No decorrer dos afunilamentos, a tabulação primária realizada diretamente das transcrições das entrevistas sem seleção prévia, foi finalizada com o total de 123 citações. Após a primeira seleção que foi realizada a partir do julgamento entre “essencial”; “complementar”, “dispensável”, houve uma redução significativa, restando 56 citações diretas, que foram selecionadas como essenciais e depois

relacionadas diretamente com cada objetivo específico da pesquisa. Para ilustrar graficamente, elaboramos uma tabela para sistematizar e justificar da melhor forma.

Tabela 2 – Tipagem de dados

Tipagem	Justificativa
Essencial	Contribuição direta com a pesquisa
Complementar	Dado relevante para o debate, apesar de contributivo não é relacionado com os objetivos da pesquisa.
Dispensável	Fuga temática

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Ressaltamos que essa decisão foi técnica, no intuito de focalizar a pesquisa, importante ressaltar que após a tabulação identificamos novas lacunas temáticas, no entanto, para centralizar o debate optamos por essa medida.

Para ilustrar essa sistematização, elaboramos uma planilha com as categorias de análise mais recorrentes que permaneceram enquanto “essenciais” para o andamento da pesquisa. Após o surgimento das análises específicas, realizamos uma nova sistematização de dados, no intuito de correlacionar diretamente as categorias de análise com os objetivos específicos da pesquisa.

Tabela 3 – Categoria de Análise

Categoria de Análise	Objetivo Específico	Quantidade
O Letramento Racial como Catalisador de Olhares Críticos	1	7
O potencial da Universidade Enquanto espaço acadêmico e as lacunas formativas.	2	7
A Urgência por Formação Obrigatória e a Voz do Estágio como Alerta	2	8
Desencontro temático entre as disciplinas de Educação Infantil e as Relações Étnico Raciais Falta de formação específica no curso	2	11
Experiências temáticas na prática	3	13

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Após a realização das análises específicas, procedemos a uma nova sistematização dos dados, com o objetivo de correlacionar diretamente as categorias de análise com os objetivos específicos da pesquisa. Essa etapa foi fundamental para alinhar as reflexões teóricas e empíricas aos documentos normativos previamente citados, que serviram como base para a construção de uma análise coerente e fundamentada dos dados coletados.

No decorrer da análise dos dados, para uma melhor sistematização das informações produzidas, foi necessária a criação de categorias. Essas categorias foram fundamentais para uma interpretação mais clara e precisa das respostas e dos conteúdos gerados pelos entrevistados. Para ilustrar os resultados, apresenta-se abaixo uma nuvem de palavras com as categorias que tiveram maior recorrência durante a pesquisa:

Figura 1 – Nuvem de palavras das categorias mais recorrentes



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Feito este trabalho quase artesanal de mapeamento e reflexão, surge a pergunta central: o que revelam os dados sobre a presença ou ausência da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) na formação de pedagogos(as) na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC)? Onde essas discussões se fazem presentes e em quais momentos elas ainda são negligenciadas? De que forma os(as) pedagogos(as) em formação inicial entram em contato com as temáticas de raça e etnia, e como isso impacta sua prática docente?

Essas são as questões que guiarão as análises apresentadas no capítulo seguinte, no qual buscaremos desvendar os caminhos e desafios da ERER na formação inicial de professores(as), destacando suas implicações para a construção de uma educação antirracista e inclusiva.

4 PERCEPÇÃO SOBRE O PAPEL DO PEDAGOGO NA PROMOÇÃO DA ERER NA EDUCAÇÃO INFANTIL

4.1 O Letramento Racial como Catalisador de Olhares Críticos

Para iniciar a discussão, é essencial destacar o papel fundamental que o letramento racial desempenha na formação integral do sujeito, abrangendo todas as esferas sociais nas quais ele está inserido. Paralelamente a isso, as falas dos entrevistados evidenciam a presença e a influência do entendimento de raça, seja ele parcial ou mais aprofundado, no cotidiano acadêmico e pessoal. Segundo os entrevistados, esse entendimento impacta diretamente suas práticas e percepções pedagógicas, tanto dentro quanto fora da universidade.

Creio que me ajuda a olhar as coisas com outros olhos. É um olhar mais crítico, um olhar mais atento. Percebo coisas que talvez antes dessa minha autoidentificação eu não percebesse. Ou então que passava despercebida ... (Julia, mulher negra, 8º semestre)

Eu acredito que é porque a gente consegue ter outro olhar, outra dimensão das práticas pedagógicas, pros alunos, na escola. Né? Mas eu acredito que é por isso que, assim como pela vivência, a gente tem outra dimensão do olhar das coisas (Nina, mulher negra, 8º semestre).

Partindo do entendimento desse “outro olhar” mencionado de forma diferente pelas duas entrevistadas, aproprio-me dos estudos de Neusa Souza (1983) no que tange ao processo de construção de identidade das pessoas negras ao se tornarem negras. Segundo a autora, o processo formativo nesse contexto é composto por diversas camadas. Sua premissa central é a distinção entre “ser negro” e “tornarse

negro”, uma diferenciação fundamentada no reconhecimento das desigualdades estruturais presentes na sociedade.

Nesse cenário, o objetivo predominante da sociedade se opõe ao entendimento racial por parte das pessoas negras. Assim, assumir a identidade negra em uma sociedade ideologicamente moldada para a propagação da hegemonia branca é um ato político, uma reafirmação constante de sua identidade. Como a autora coloca, “Ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.”

É válido ressaltar que mesmo com seus percalços formativos presente dentro do ambiente acadêmico que serão mostrados posteriormente, os entrevistados quase que de forma unânime, relataram que seu letramento racial interfere nas suas práticas pedagógicas, para além disso, possuem uma relação direta com suas interpretações pessoais relacionadas a fenômenos presentes na sociedade. As entrevistas Nina e Julia ilustram em seus relatos, o que Conceição Evaristo intitula em seus estudos quanto “escrevivência”, o papel que as vivências pessoais experienciadas por pessoas negras racialmente letradas, se tornam um aliado fortemente embasado no debate racial.

[...] A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência. [...] (Conceição APUD Cardoso 2021).

No entanto, o atravessamento realizado pela temática é interligado com diversas outras questões, tendo como exemplo, a dificuldade que pessoas que se identificaram racialmente quanto pardas, possuem na inserção e na construção desse letramento racial, impactando diretamente nas suas percepções, incluindo as que compõem a formação inicial no ambiente acadêmico. As falas das entrevistadas ilustram as incertezas e combates pessoais que envolvem essa temática.

A minha autoidentificação (parda) passa por uma questão de dúvida muito grande, não sei se tive um letramento muito grande sobre isso, então acho que isso acaba atrapalhando e eu não acho que isso tenha interferido muito na minha vivência dentro da faculdade (Vânia, mulher parda, 8º semestre).

Mas assim, ser parda, né? Bota no lugar de um meio termo, sabe? Eu não sou negra... e aí pra muitas questões eu sinto que é como se eu não tivesse um lugar de fala (Lúcia, mulher parda, 8º semestre).

As temáticas abordadas acima destacam a urgência de promover um debate que atenda à necessidade de letrar racialmente todas as raças envolvidas. Esse processo é essencial diante dos desafios únicos que permeiam o debate racial no Brasil, um país historicamente impactado pela tentativa de embranquecimento e pelo afastamento da negritude, reforçados pela propagação do mito da democracia racial (Fernandes, 1965). Essa falsa ideia de uma sociedade racialmente harmoniosa foi inserida no imaginário coletivo, influenciando o inconsciente de muitos brasileiros e prejudicando seu letramento racial até os dias atuais.

Além disso, recorremos aos escritos de Cíntia Cardoso (2021), que abordam a dificuldade de pessoas inseridas em uma sociedade racista, como a brasileira, de se reconhecerem como parte da comunidade negra. A negação do pertencimento é uma tentativa simbólica e falha de se aproximar do grupo étnico-racial dominante, os brancos.

O Brasil é cercado por peculiaridades existentes e que demandam uma atenção no debate, visto que alcança diversas esferas sociais, como a educação, a dificuldade de auto identificação racial reflete o impacto de uma barreira social que é cercada pelo racismo em diversas esferas da sociedade, o distanciamento de debates raciais é interpretado por algumas pessoas como forma de não se envolver em debates raciais, o que é inviável, tendo em vista que somos um país que é socialmente, culturalmente e racialmente diverso. Não é possível realizar um afastamento ou separação temática para que o debate que engloba raça e educação seja efetivado, logo, é necessário que haja uma interligação epistemologicamente coerente em ambos os âmbitos. Os apontamentos teóricos realizados por Gomes (2010) ilustram os diversos fatores que englobam o tecimento de um letramento racial no Brasil, englobando diferentes grupos.

[...] É importante lembrar que a identidade construída pelos negros brasileiros (pretos e pardos) se dá não apenas por oposição ao branco, mas, também, pela negociação, pelo conflito e pelo diálogo com este e outros grupos étnicoraciais [...] (Gomes, 2010, p. 98)

No contexto da formação inicial de pedagogos, esses percalços se tornam ainda mais relevantes, pois estão diretamente interligados com as vivências práticas realizadas ou experienciadas por esses discentes, impactando de forma direta e significativa a promoção (ou não) de uma Educação para as Relações Étnico Raciais, tendo como recorte temático no referido estudo, a interlocução temática entre as

ERER e a Educação Infantil. Assim, a lacuna formativa relacionada ao letramento racial precisa ser uma pauta constantemente debatida e aprimorada nos âmbitos universitários, especialmente nas instituições de formação de futuros educadores.

Prosseguindo o debate, é fundamental enfatizar e construir um entendimento coletivo no que se refere ao papel das pessoas que se identificam racialmente enquanto brancas no debate de letramento racial, o esforço e a participação ativa não devem ser restringidos a populações negras, indígenas e outras historicamente marginalizadas socialmente.

A participação ativa de todos os envolvidos no debate é peça fundamental para a efetivação de um discurso efetivo, que alcance todas as esferas e rompa com erros históricos, onde para isso, é necessário o envolvimento de pessoas brancas onde as mesmas ao se reconhecerem social e historicamente, possuem respaldo para participarem, construindo coletivamente debates sobre privilégios e sobre a compreensão das dinâmicas inseridas nos contextos sociais e educacionais. Os apontamentos realizados por Cíntia Cardoso tendo como referência principal Cida Bento, enfatizam a necessidade da reflexão sobre o papel do branco socialmente para que haja um entendimento das disparidades dos papéis inseridos na sociedade:

[...] A falta de reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais é uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado e problematizado. [...] (Cardoso, 2021 apud Bento, 2019, p. 20).

Para ilustrar de forma efetiva o que foi dito anteriormente, a fala presente na entrevista César a seguir, relata como compreensão dos seus lugares de privilégio dentro da universidade a partir da indagação acerca de como o seu entendimento racial, possui interferia nas suas vivências dentro da universidade. Englobando esferas que antecedem a entrada no ambiente acadêmico, como o acesso à educação e espaços onde o debate acadêmico ocorre em diversas instâncias educacionais.

Eu acho que afeta muito, primeiro o acesso à universidade, né? Até a gente chegar ali é o processo que é completamente atravessado por privilégios ou não, relacionados a raça, eu fui uma pessoa que vim toda forma, de uma condição econômica social uma classe baixa, sempre morei em favela, mas de toda forma não atravessei os meus preconceitos de a pessoa preta também nas mesmas condições que eu atravessaria (César, homem branco, 7º semestre).

Parafraseando Cardoso (2010), os privilégios que cercam o conceito de branquitude permeiam diversas esferas sociais, podendo ser mais ou menos perceptíveis, dependendo da dinâmica social em questão. Esses privilégios simbólicos têm como objetivo geral a perpetuação da ideia de poder dentro da sociedade. A projeção desse poder é direcionada exclusivamente às pessoas pertencentes ao grupo dominante, excluindo, de forma evidente, aqueles que não estão inseridos nessa dinâmica, contribuindo para a manutenção do *status quo*.

Além do acesso à universidade, a entrevista César revela que os privilégios associados à branquitude transcendem as oportunidades dentro da instituição, permeando o cotidiano da comunidade acadêmica. A partir dessa reflexão, é possível compreender que o debate sobre questões raciais precisa ser incorporado em todas as instâncias do ambiente universitário, envolvendo não apenas os alunos, mas também os professores e demais membros da comunidade acadêmica.

Consegui ter acesso a muitas coisas que talvez as pessoas não teriam, incluindo espaços que hoje eu vejo pra mim como espaço de privilégio, como espaços de grêmios, representação estudantil em que eu era constantemente selecionada por esses fatos por falar bem, por ser, por ter um rostinho bonito, por ser uma pessoa pela qual aquela instituição gostava de ser representada (César, homem branco, 7º semestre).

A conscientização de que as intervenções devem ser coletivas e realizadas por todos é fundamental para a efetiva promoção de uma educação antirracista, que não se limita apenas ao espaço universitário, mas que também forme indivíduos conscientes e preparados para atuar na sociedade de forma mais equitativa. Ao longo da referida citação, também o notável a presença de elementos compatíveis ao pactonarcísico (SOUZA, 1983), que é definido pela autora como a projeção de semelhanças entre pessoas brancas, onde a finalidade central se constitui através da necessidade de autopreservação que foi construído historicamente entre a comunidade, entre algumas premissas que fundamentam tal pacto, Cida Bento (2022) menciona a ausência de compromisso moral para-com as pessoas não brancas e o distanciamento psicológico, onde os semelhantes buscam a propagação da “universalidade social” presente na sociedade.

4.2 O potencial da Universidade enquanto espaço acadêmico e as lacunas formativas

“O avesso do mesmo lugar, na luta é que a gente se encontra” (História Para Ninar de Gente Grande, samba-enredo da Mangueira, 2019).

Segundo Vieira (2019) o samba-enredo de 2019 da GRES Estação Primeira de Mangueira, intitulado "História pra Ninar Gente Grande" narra diferentes perspectivas sobre a história do Brasil. Com uma só voz, ecoada na Sapucaí, o enredo enfatiza a importância de diversificar as narrativas históricas, dando voz aos oprimidos e destacando figuras como Dragão do Mar, Luísa Mahin e Cunhambebe. Ao utilizá-lo para introduzir esta seção do trabalho, meu objetivo é evidenciar a relevância do "reconto". Assim como o samba-enredo propõe uma reinterpretação da história, a universidade deve reconhecer e valorizar as contribuições de personalidades marginalizadas na construção do Brasil, promovendo uma inclusão efetiva em suas narrativas acadêmicas.

A universidade, como um espaço potencializador de debates, deve abranger todas as esferas sociais, incluindo as de cunho étnico-racial. Partindo dessa premissa, observamos ao longo da pesquisa que, apesar de alguns desafios formativos, cujos fatores serão abordados nas seções subsequentes, a presença de estudantes e professores negros na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED-UFC) é extremamente significativa para o enriquecimento do debate sobre o tema. Não se trata de centralizar ou verticalizar a discussão, mas de assegurar que as questões sejam levantadas por todos os envolvidos. Ainda assim, é crucial destacar o papel fundamental que universitários e docentes negros desempenham na promoção e ampliação desse diálogo.

Partindo dos dizeres acima, ao ser indagada sobre questões que relacionam a universidade e os debates raciais, a entrevistada Lúcia relatou que a Universidade foi fundamental para que ela começasse a questionar e rever seus conceitos de raça, levando inclusive esse debate para sua família, fazendo o tão importante intercâmbio entre sociedade e universidade. Segundo ela, sua mãe que é lida por ela como uma mulher negra, não se reconhecia enquanto tal e foi após sua entrada na FACED-UFC que ela começou a ter afinidade com a temática:

Então eu acho que eu só fui quebrando tudo isso e aí quebrando esse ciclo, quando eu cheguei à universidade. Que aí eu pude conversar com ela (a mãe da entrevistada), ela começou a se aceitar e eu comecei também a entender essas questões e me tornar uma pessoa mais sensível e mais antirracista (Lúcia, mulher parda, 8º semestre).

Durante as pesquisas bibliográficas realizadas para este trabalho, tive acesso a diversos tipos de texto, como artigos, teses, monografias e relatos que enriqueceram o desenvolvimento da pesquisa. Nesse processo, tive contato, direta ou indiretamente, com pessoas de diferentes faixas etárias que, apesar de apresentarem características fenotípicas negras, com traços evidentes, não se reconheciam como negras. Com o suporte de uma fundamentação teórica sólida, percebi que essa resistência está enraizada na negação do que significa ser negro socialmente. Parafraseando Nilma Lino Gomes (2023): "Muitos cresceram em um processo tenso de negação, aceitação e ressignificação do ser negro até se tornarem adultos com orgulho de seu pertencimento étnico-racial, de sua ancestralidade, corporeidade, cultura e história coletiva de resistência" (Gomes; Araújo, 2023, p. 17).

Segundo a autora, a construção de uma autoimagem positiva pode ocorrer ao longo da vida adulta. Sob uma perspectiva geracional, observa-se um abismo no tratamento das questões raciais na sociedade. Embora nos dias de hoje o debate sobre pautas étnico-raciais tenha crescido significativamente, ainda está longe de atender plenamente à demanda social que o tema exige.

Partindo desse ponto, reforçar o entendimento de que o espaço físico e simbólico da Universidade possibilita a ampliação do debate é crucial para o desenvolvimento desta pesquisa. A formação dos pedagogos está intrinsecamente ligada às relações estabelecidas dentro e fora do curso de Pedagogia da FACEDUFC. De acordo com os escritos de Pimenta (2021), é essencial uma constante problematização da composição curricular nos cursos de Pedagogia, pois as configurações sociais e dinâmicas relacionais estão em constante evolução. Isso exige a ampliação e adaptação das demandas formativas através dos currículos. Sob essa perspectiva, a autora afirma:

[...] A finalidade da Pedagogia é oferecer aos(as) educadores(as) perspectivas de análise para compreenderem a formação humana em contextos históricos, sociais, culturais, institucionais (incluindo de si mesmos) como profissionais, nas escolas ou em quaisquer outras modalidades ou espaços educativos nos quais se insiram para neles intervir, transformandoos. [...] (Pimenta, 2021 pág. 43)

Ainda em consonância com os escritos da autora mencionada, a entrevistada Lúcia destacou como as relações estabelecidas dentro da Universidade foram cruciais para seu entendimento do tema. Além disso, a diversidade presente na FACED-UFC desempenhou um papel fundamental. Segundo ela, a convivência com

pessoas negras racialmente letradas, que reafirmavam sua ocupação no espaço universitário, foi transformadora. Essa interação influenciou sua perspectiva, especialmente quando conectada às demandas familiares, levando o debate étnicoracial para além dos muros da Universidade.

[...] Então assim, a universidade ela me mostrou diversidade, na universidade que eu não tinha visto ainda na minha escola, não que eu não tenha estudado com pessoas negras, claro, mas eu estudei com pessoas negras que alisavam o cabelo, que também não gostavam da sua aparência, que também sofreu racismo e isso tudo era normalizado. Então quando eu cheguei à universidade eu vi pessoas que se valorizavam, que valorizavam sua cultura, sua cor, sua etnia, seu cabelo e tudo isso me marcou muito, entendeu? Então eu acho que essa virada de chave é eu ter a convivência com essas pessoas e aí eu pegar amizade, eu gostar e eu trazer isso pra minha família também (Lúcia, mulher parda, 8º semestre).

A ocupação da universidade por pessoas negras, que politicamente destacam a importância dessa presença, se manifesta por meio de debates nas disciplinas do currículo, diálogos nos corredores da FACED-UFC, e participação ativa em espaços de discussão acadêmico-estudantil. Essa ocupação simbolicamente reafirma que o espaço, historicamente negado a essas pessoas, agora assume um novo significado sociopolítico: ressaltar a relevância dos debates sobre branquitude e negritude nos contextos acadêmicos.

A educação deve ser continuamente comprometida com seu papel transformador na sociedade. Daí surge a necessidade de discutirmos e atualizarmos o currículo para atender às demandas sociais de cada época. A formação de indivíduos que compreendam e se apropriem desse conhecimento crítico é essencial para alcançar esse objetivo, considerando que a educação se desenvolve através de processos dialéticos de transformação social. Isso ressalta a necessidade de formar pedagogos epistemologicamente centrados e coerentes em sua formação sociopolítica, tanto dentro quanto fora da universidade.

[...] Em nossa perspectiva, o sujeito a ser educado é o sujeito com capacidade de transformar a realidade em que vive e, para sé-lo, necessita conhecer criticamente as condições concretas de sua realidade, se apropriar dos instrumentos que lhe permitem compreender como foram produzidas as situações de desumanização presentes na atualidade (Pimenta, 2021, p. 42).

4.3 A urgência por formação obrigatória e a voz do estágio como alerta

Outro ponto fundamental para a discussão do tema é a presença da temática de Relações Étnico-Raciais nos contextos das disciplinas da FACEDUFC. Não se observa uma abordagem interdisciplinar sólida na formação dos pedagogos, tampouco uma integração transversal do tema em todas ou na maioria das disciplinas cursadas pelos alunos. Embora existam disciplinas que tratam da temática de forma específica, o que representa um avanço, muitas delas são optativas e, apesar de sua relevância histórica, política e temática, em diversos casos não se articulam diretamente com as concepções presentes na elaboração da Educação Infantil.

Além disso, outro aspecto relevante é que, assim como ocorre nas escolas, a Faculdade de Educação tende a dar maior visibilidade ao tema apenas no mês de novembro, em função do Dia da Consciência Negra, celebrado no dia 20 de novembro. Esse enfoque pontual resulta em uma abordagem superficial, que não abrange a complexidade epistemológica e temática que o assunto demanda. Isso é evidenciado em uma entrevista com uma discente, que aponta a incoerência na formação de professores da FACED, devido à falta de uma abordagem profunda e contínua no currículo:

Porque é igual das escolas, a gente vive falando que a gente tem que trabalhar as relações o tempo inteiro. Não é só no dia vinte de novembro. Só que acaba que na nossa formação a gente acaba fazendo isso. A gente trabalha uma vez e em nenhum momento uma discussão sobre isso é profunda (Nina, mulher negra, 8º semestre).

Segundo as contribuições dos entrevistados, corpo discente da FACED parece não sentir que a abordagem da temática étnico-racial seja tratada com a seriedade e profundidade que a demanda social exige. Essa lacuna tem consequências significativas na formação dos pedagogos da instituição. Embora seja compreendido que a formação oferecida pela FACED é inicial, como indicado pela sua nomenclatura "formação inicial", é evidente que essa mesma formação não supre as necessidades básicas da profissão. A temática étnico-racial deve ser abordada de forma contínua e integrada em todas as etapas do ensino, e não de maneira pontual ou superficial. A ausência de uma discussão aprofundada compromete a capacidade dos futuros pedagogos de lidar adequadamente com as questões raciais no ambiente escolar, refletindo uma insuficiência na preparação oferecida pela faculdade.

Um aspecto crucial a ser considerado é a necessidade, apontada pelos

alunos entrevistados, de uma disciplina obrigatória que aborde a temática racial de forma específica. Esse ponto conecta-se aos escritos mencionados no início da análise de dados: o letramento racial influencia diretamente a prática pedagógica dos pedagogos em contextos escolares e não escolares. A consolidação de um olhar crítico, em consonância com suas vivências pessoais enquanto indivíduos racializados (negros e não negros), é essencial para o exercício de uma pedagogia que, conforme Pimenta (2021), se fundamenta em uma prática científicamente referenciada e socialmente engajada.

Sob essa perspectiva, é indispensável que o letramento racial alcance todas as esferas da FACED, promovendo uma reflexão sobre o pertencimento racial de todos, independentemente da raça, e engajando todos os indivíduos no debate. Para que as discussões temáticas sejam efetivas, é fundamental o engajamento de todos, especialmente das pessoas brancas, que precisam reconhecer sua branquitude e os privilégios raciais associados. Nesse contexto, o entrevistado César destaca a importância desse debate ao longo da formação universitária, relacionando diretamente com as práticas pedagógicas, especialmente na educação infantil:

Quando fala sobre um debate sobre letramento racial, a gente está falando de pessoas brancas entenderem o seu espaço enquanto pessoas brancas, irem atrás e se lembrar de fornecer um espaço seguro dentro da prática de pessoas negras, entende? Então, é um debate sobre mim diria, não apenas branquitude, mas sobre a racialidade de forma geral. Essa pauta é uma das principais neste semestre no grupo de estudos, porque muitas pessoas brancas não sabem ou não querem aceitar que elas são brancas. Aí, elas não sabem o que fazer. Como vou ensinar para uma criança o que é identidade e todas essas coisas se eu mesmo não me autoidentifico? (César, homem branco, 7º semestre).

A dificuldade ou resistência que pessoas brancas demonstram em se reconhecerem racialmente como um grupo étnico é um tema amplamente discutido na literatura. Edith Piza, citada em um dos artigos de Lourenço Cardoso (2010), aborda essa questão utilizando a metáfora da "porta de vidro" para descrever o processo de letramento racial de pessoas brancas. Segundo Piza (2002), esse processo é comparável ao choque de esbarrar em uma porta de vidro, surpreendendo ao perceber sua própria racialização e os privilégios que dela derivam na sociedade.

Nesse contexto, o letramento racial emerge como um elemento fundamental na formação de professores. Os documentos normatizadores da educação infantil, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), destacam a importância de práticas pedagógicas que trabalhem a temática da identidade desde o berçário, é válido ressaltar que a criança precisa ter acesso a uma diversidade de elementos que vão corroborar com sua formação identitária os referenciais de raça precisar ser inseridos nas vivências de educação infantil, tendo em vista que esses são elementos fundamentantes na formação do ser social.

Avançando nessa discussão, é possível afirmar que a necessidade de uma formação transversal em letramento racial vai além da simples realização de projetos no cotidiano da educação infantil. O professor precisa estar racialmente letrado para identificar e intervir em situações de discriminação racial nos contextos de ensino, seja em relações simbólicas estruturais ou entre as próprias crianças. Nilma Lino Gomes (2023), ressalta que os ambientes de educação infantil são racializados e que as crianças, como indivíduos sociais, reproduzem e se apropriam de diversas práticas sociais, incluindo práticas racistas.

Em consonância com as reflexões anteriores, é fundamental proporcionar às crianças elementos que abordem a diversidade dentro da Educação para as Relações Étnico-Raciais de maneira contextualizada. Nesse sentido, a universidade pública desempenha um papel crucial ao promover um intercâmbio efetivo entre a sociedade e o ambiente acadêmico, levando propostas que tratem dessa temática para os contextos escolares, dada sua importância social. Para que isso seja possível, ressalta-se novamente o papel indispensável do letramento racial dos professores, independentemente de sua raça.

Um exemplo dessa prática foi relatado em uma das entrevistas, onde a presença de uma estagiária negra no estágio de Educação Infantil trouxe uma vivência significativa:

E um detalhe aqui dos estágios do infantil, no de educação infantil, a gente não teve professores negros, mas a gente teve a estagiária negra, cê lembra? Ela inseriu essa questão do turbante, porque as crianças tinham medo do turbante dela e aí ela inseriu essa prática dessa vivência com as crianças. Então isso foi muito interessante e é uma prática que eu acho pode ser levada pra crianças (Julia, mulher negra, 8º semestre)

Esse relato exemplifica como práticas representativas podem ser

incorporadas ao cotidiano escolar, promovendo o entendimento e a valorização da diversidade étnico-racial desde a infância. Um aspecto importante a ser analisado nessa fala é o "medo" mencionado pela entrevistada em relação ao turbante usado pela estagiária. A falta de familiaridade com elementos culturais gera estranhamento, refletindo a ausência desses elementos no cotidiano das crianças. Isso evidencia a necessidade de uma abordagem educativa que normalize e celebre a diversidade cultural, contribuindo para a construção de um ambiente mais inclusivo e consciente.

Como citado anteriormente, é notável em meio aos entrevistados a ausência de uma mobilização institucional que incentive o intercâmbio entre universidade e sociedade através dos estágios, com isso, há um descumprimento teórico com os estudos realizados por Selma Garrido Pimenta (2017) onde ela relata a necessidade dos campos de estágios serem ambientes dinâmicos de inquietação e mobilização teórica e investigativa, logo, torna-se necessário uma formação que ocupe esses espaços de estágio na sua multiplicidade.

O estágio em Educação Infantil, componente obrigatório da formação em Pedagogia, é, segundo os dados coletados, um espaço de múltiplos aprendizados, como defendem diversos atores envolvidos no processo. No entanto, também se revela um ambiente marcado por angústias e inseguranças, uma vez que as lacunas formativas tornam-se evidentes nesses contextos de prática. Essas fragilidades são particularmente perceptíveis no que diz respeito à Educação para as Relações ÉtnicoRaciais (ERER) na Educação Infantil, evidenciando a necessidade de uma formação mais sólida e consistente para lidar com as complexidades dessa temática desde os primeiros anos de vida.

4.4 (Des)encontro temático entre as disciplinas de Educação Infantil e as Relações Étnico Raciais

Os avanços teóricos na construção de um aporte bibliográfico sobre determinados temas têm crescido ao longo do tempo, influenciados por diversos fatores. Um desses fatores é o entendimento do campo científico como uma forma de dominação imperial (CASTRO, 2021). Diante disso, é fundamental levantar argumentos que destaquem a interferência política e geográfica na produção de conhecimento, especialmente no contexto das pesquisas sobre a infância.

Para aprofundar essa perspectiva, é necessária uma contextualização no âmbito da Sociologia da Infância, utilizando a bibliografia existente como guia para a compreensão do tema. A necessidade social de desenvolver estudos sobre a sociologia da infância está ligada à diversidade de abordagens presentes nos campos de estudo da própria sociologia. Por muitos anos, a infância não foi incluída de forma explícita nesses campos de estudo.

Contemporaneamente, os avanços são notórios nesse campo de pesquisa. O entendimento da criança como um ser socialmente ativo e produtor de cultura, que interage constantemente com os elementos ao seu redor, é um dos principais pontos de investigação e referência para o desenvolvimento de trabalhos científicos. Nesse contexto, um dado recorrente nas entrevistas realizadas, se constituiu a partir de uma perspectiva de julga necessária e urgente, a implementação de uma metodologia nas disciplinas de estágio que deem conta da demanda do tratamento das relações étnico racial, especificamente, os estágios de educação infantil. Como ressaltado em uma entrevista:

Eu acho que falta uma atenção desses professores que trabalham diretamente com áreas que a gente vai levar pra prática. Por exemplo, professores de estágio. Professores de estágio de educação infantil, professores de estágio do ensino fundamental. Trabalhar para que a gente volte às temáticas, né? De afro-brasileiras, de relações étnoraciais para dentro do nosso planejamento trabalhar isso de fato com as crianças. Eu acho que os professores de estágio principalmente e da educação infantil que o nosso curso é muito voltado pra isso, precisam estar mais atentos a essas questões pra ver pras suas aulas (Lúcia).

Esse depoimento reforça a importância de uma formação mais consciente e contextualizada dos educadores, promovendo uma educação que respeite e valorize a diversidade cultural e étnica. Tendo em vista que os campos de estágio denunciam uma demanda social não atendida, a do trabalho das temáticas étnico raciais dentro das escolas da forma correta, não estigmatizada e com bagagens preconceituosas propagadas por referenciais não letRADOS racialmente.

Para o aprofundamento nesse tema, é válido ressaltar que a subalternidade presente no entendimento de criança como um ser social, está implícita em todas as esferas da sociedade, neste caso, nos apropriamos em conversar esses conceitos em relação ao campo educacional, nos concentrarmos nas instituições de ensino. Segundo Sarmento (2008) por muitos anos as crianças não foram entendidas crianças, tendo como consequência uma subalternização constante ao olhar do

adulto sobre suas conversões sociais, partindo dessa perspectiva “adultocêntrica” podem-se tecer apontamentos em relação ao entendimento dessas mesmas crianças, vistas como “homúnculos” (adultos em miniatura) não serem dignas de um ambiente educacional contextualizado, que preze pelo seus princípios éticos e estéticos, para além disso, que preze pelo cumprimento do que está prescrito Constitucionalmente, o direito a existência.

Partindo dessa ausência formativa, é válido ressaltar que a Universidade, em específico, a Faculdade de Educação ao levar turmas de estágios para os contextos de educação, nesse recorte temático, as instituições de educação infantil, se compromete indiretamente com o que vai ser proposto para essas crianças, crianças que ocupam as escolhas públicas de Fortaleza, em alguns casos, as turmas de estágio vão para escolas periféricas e em outros casos, vão para áreas mais centrais geograficamente, próximas ao campus do Benfica para facilitar a logística de ida até as instituições.

É essencial distinguir que há uma diferença entre as instituições públicas localizadas em extremos mais periféricos da capital e em regiões mais centrais, percalços geográficos interferem diretamente no cotidiano escolar, alguns exemplos são: o aumento das regiões faccionadas nos bairros da cidade; a localização de instituições de ensino que estão no “meio” de bairros que por questões semelhantes, enfrentam constantes conflitos armados, para além disso é válido ressaltar a interferência das forças militares nesses aspectos, tendo em vista que como citado acima, a criança inserida nesses contextos conversa diretamente com essas nuances, por estar inserida de forma ativa geopoliticamente nos locais, além das suas interferências sociológicas.

Parafraseio Rosemberg (2012) nos dizeres que se torna necessário a apropriação desses conceitos para a elaboração de um olhar politicamente ativo dentro das instituições de educação infantil:

[...] Silenciar sobre as especificidades da creche também significa discriminação, pois, além de acolher bebês, no Brasil, a creche não foi pensada para a “produção” de qualquer ser humano, mas a dos(as) filhos(as) recém libertos(as) de mães escravas. [...] (Rosemberg, 2012, p. 17)

Estabelecendo uma conexão mais diretas com os campos de estágio e a temática da pesquisa, a universidade ao se inserir nesses contextos necessita elaborar uma formação que dê conta dessas demandas presentes nos referidos

espaços, não me refiro que a Universidade deve se responsabilizar por essa formação inicial que atinge muitos âmbitos, mas sim que a formação deve despertar essas inquietações para a continuação de uma formação que atenda a demanda desses espaços.

Um aspecto crucial a ser considerado é que ao longo das entrevistas, essa inquietação despertada nos âmbitos de estágio atingiu algumas das pessoas que participaram do processo, esse dado é extremamente válido para a discussão, tendo em vista que a inquietação é tida como força precursora da mudança. No entanto, não deixa de ser um dado preocupante que os alunos da FACED estão ocupando os espaços de estágio com lacunas significativas no que se refere ao cumprimento dessas demandas.

Novamente reitero que me apropto dos escritos onde enfatizam justamente esse papel do estágio, de ser um ambiente de aprendizados significativos e da produção de novas inquietações formativas (PIMENTA: LIMA, 2017), no entanto, é necessário enfatizar que para o entendimento dos diversos tipos de racismo inseridos nesses contextos, é necessário um letramento racial basilar, que desperte ao menos essas inquietações, pois se o discente que for a campo não tiver uma “sementinha” do pensamento racial crítico, muitos elementos válidos para a discussão passarão batido.

Reitero novamente, que dentro da Faculdade de Educação há uma lacuna significativa no que se refere a inserção da temática étnico racial nas disciplinas relacionadas à educação infantil, um acontecimento que relata essa demanda institucional formativa é que esse semestre (2024.2, devido à greve) conta com a primeira turma da única disciplina optativa que correlaciona os dois campos de pesquisa de forma intrínseca, o componente curricular “Relações étnico raciais na Educação Infantil” ministrado pela Prof. Dra. Rose Cruz conta com a presença de bibliografias que correlacionam ambas temáticas, no entanto, ainda é uma disciplina optativa que teve baixo aderimento do público, contando com apenas 21 participantes, envolvendo discentes do noturno, diurno e 3 do curso de psicologia. É válido ressaltar que a disciplina por ser realizada no período da tarde, não consegue ser “acessível” a todos os alunos da FACED devido à alta taxa de trabalhadores-estudantes da casa.

Partindo dessa necessidade de estabelecer conexões concisas entre os

dois âmbitos, o entrevistado César relata que a ausência desse tema na disciplina de estágio de educação infantil o gerou uma inquietação significativa, no que se refere à identificação de situações de discriminação racial nos contextos do estágio:

Mas no geral, o tema não foi tão comum inclusive, nos estágios eu senti muita a falta dele, porque eu comentei e na cadeira de estágio, algumas questões que eu tive de como as professoras tratavam crianças negras os outros estagiários não falar nada sobre discriminação... e nem um nível de nada... e eu duvido muito que não tenha acontecido, acontecido. Só que eles não percebem talvez... (César, homem branco, 7º semestre)

Como já citado, há uma lacuna formativa que envolve os dois âmbitos, um profissional formado pela FACED pode iniciar os estágios com uma bagagem formativa epistemologicamente coerente, mas isso não significa que ele vá conseguir tratar da demanda temática das relações étnico raciais dentro das instituições de ensino pois há uma brecha no que se refere ao tecimento dessa temática. Os contextos de educação infantil possuem linguagem e relações próprias, o professor precisa ter ciência dessas especificidades ao inserir a temática para as crianças. Para além disso, o letramento racial deve ser moldado de forma crítica para que desde os primeiros anos nos Centros de Educação Infantil, haja uma afinidade temática que os possibilite identificar e remediar situações de cunho racista dentro das creches. Nessa perspectiva, cito Gomes (2010)

[...] A fim de realmente se configurar como uma instituição democrática e que incorpore um projeto educativo emancipatório, nos dizeres de Boaventura de Sousa Santos (1996), a escola sobretudo a pública deverá inserir a questão racial no seu projeto político-pedagógico, tomá-la como eixo das práticas pedagógicas e articulá-la nas discussões que permeiam o currículo escolar. [...] (Gomes, 2010 p.102).

De forma complementar, nota-se que há uma necessidade das concepções de infância estarem alinhadas com as percepções raciais dentro desses ambientes, afim de instituir a partir disso, uma instituição democrática. Logo, uma vez que ao reforçar e reconstruir um entendimento pessoal que possibilite ver a criança como um sujeito ativo na sociedade, produtor de culturas e significados, nos afastando do ideal adultocêntrico presente na maioria das esferas sociais, o professor em formação nos ambientes de estágio, começa a identificar micro relações presentes ou ausentes nesses contextos, inclusive as de cunho racial que estão presentes\ausentes de forma simbólica e explícita nos ambiente escolares.

Ao tratar do alinhamento concepcional, ilustro por meio de uma nova

citação da entrevista como a ausência de uma abordagem integrada entre diferentes concepções se manifesta no cotidiano das instituições. O entrevistado é questionado sobre a presença de elementos que permitam às crianças uma reinterpretação de repertórios relacionados à temática da identidade.

Ao relatar sua experiência, ele confirma a existência de elementos na sala de referência. No entanto, destaca-se a ausência de uma concepção alinhada com a Sociologia da Infância, que valoriza o papel ativo das crianças, especialmente as pequenas e muito pequenas, na construção de significados próprios a partir do repertório oferecido. Essa falta de alinhamento conceitual impede uma contextualização adequada do que foi proposto para as crianças, resultando na transformação de um elemento etnicamente relevante para o repertório dos bebês em algo desprovido de significado, justamente pela ausência de uma contextualização apropriada:

Então não sei se é por isso que ela não explica. Eu não sei se ela não explica pros bebês porque ela acha que não entendem. Ou se você não vê a necessidade de contextualizar. Mas é um negócio muito assim “Olha aqui no boneco e aí acabou.” Então é assim, sabe? Não é só mostrar. esta por estar não faz sentido, tem que ter contexto (César, homem branco, 7º semestre).

Em outras palavras, a presença de elementos que favoreçam a inclusão da temática nas escolas não é suficiente. Além de estarem presentes nos contextos das crianças, é necessário que haja uma metodologia pedagógica que possibilite que essa abordagem tenha o efeito esperado pela professora. Assim, reforço a lacuna formativa que a Faculdade de Educação apresenta no que se refere à relação entre essas duas temáticas. As crianças se comunicam com o ambiente e entre elas de formas distintas, e não é por acaso que diversos autores defendem e se aprofundam na ideia da existência de múltiplas linguagens e múltiplas infâncias.

Formosinho (2007) se debruça em seus estudos sobre a importância da elaboração de espaços contextuais físicos que possibilitem a celebração e participação, no entanto, para isso é fundamental que o espaço esteja e seja constantemente contextualizado de acordo com a demanda das crianças, assim é possível que a oferta seja realizada da forma mais proveitosa e sobretudo, significativa para as crianças envolvidas.

4.5 Desafios na Aplicação dos Conceitos de Relações Étnico-Raciais (ERER) na Educação Infantil durante o Estágio Curricular

“Estamos num país onde certas coisas graves e importantes se praticam sem discurso, em silêncio, para não chamar a atenção e não desencadear um processo de conscientização, ao contrário do que aconteceu nos países de racismo aberto. O silêncio, o implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo são alguns aspectos dessa ideologia”.
(Kabengele Munanga)

Seguindo os escritos de Formosinho (2007) a prática pedagógica exercida nas instituições é refletida em diversas instâncias da mesma, desde a prática propriamente dita feita pelos professores-para-com as crianças, e principalmente, no subjetivo dos espaços. Quando me refiro sobre a presença de contextos subjetivos, estou tratando do simbólico institucional, coisas que compõem o ambiente educativo na função de educar, ou não. Tendo em vista que o ambiente tal qual as práticas pedagógicas, possui interferência direta no cotidiano das crianças, podendo atenuar seus saberes de forma significativa ou engessar perspectivas negativas sobre o mundo.

Partindo disso, a composição dos ambientes físicos e simbólicos das escolas comunicam um leque de possibilidades para as crianças, possibilidades estas que podem estar carregadas de significados positivos ou negativos. Por exemplo, uma escola que conta com a presença significativa de professores negros letrados racialmente que estão nesse local de poder dentro da instituição, corrobora para uma construção positiva identidade e autoestima intelectual, possibilitado a ocorrência de uma projeção positiva.

No entanto, em contrapartida, uma instituição onde apenas pessoas brancas ocupam locais de poder dentro do âmbito escolar, possui um peso simbólico significativo para as crianças negras. Essa inquietação surgiu no decorrer de uma das entrevistas, onde a entrevistada Júlia relata que mesmo tendo passado por diversas escolas por meio da Universidade, dentre as 4 escolas que ela teve a oportunidade de se inserir temporariamente no cotidiano das crianças, ela só observou a presença de 1 professora negra.

Então foi somente ali que eu que eu vi mesmo. E ali reforçou a minha ideia de que pessoas negras, pretas em lugares de poder que são muito poucos incorporados, mas paralelamente a isso a gente olhar na cozinha... se a gente olhar em si quem limpa, se a gente olhar em quem abre o portão da escola, geralmente são pessoas negras (Julia, mulher negra, 8 semestres).

Paralelamente a ausência de professores negros, a entrevistada relata que era facilmente observável a presença de pessoas negras em situações “subalternas” dentro da organização de funções da instituição. É válido ressaltar a importância dessas funções para o funcionamento da escola, o ponto é: a presença de pessoas negras em locais de destaque é menor quando se comparada à de pessoas brancas no mesmo espaço de poder. Como já foi citado, é necessário que o aluno da FACEDUFC seja letrado racialmente e possua um olhar crítico para a identificação desses pormenores, que em muitos casos são problemáticas gigantescas não vistas a olho nu, sendo assim, necessário um olhar letrado para tal.

Em consonância a esse pensamento, Cíntia Cardoso (2021) cita em seu trabalho essa problemática, que não interfere no cotidiano apenas das instituições de ensino, mas de toda uma conjuntura sociopolítica que tem como objetivo a perpetuação de pessoas negras em situações subalternas e que esse ponto precisa ser questionado constantemente, para que não ocorra uma normalização social que perpetue cada vez mais essas disparidades raciais:

[...] Carece questionamento dos lugares de poder, "indagar a relação entre direitos e privilégios arraigados em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade". A população negra permanece em desvantagem muito acentuada, o que enfatiza a discriminação racial presente na estrutura social [...] (Cardoso, 2021, p. 23)

Um outro aspecto crucial a ser considerado é em relação às micro relações presentes dentro dos contextos de educação infantil, quando refiro-me a isso estou tendo como base as relações “sutis” estabelecidas, envolvendo de forma direta crianças-professoras-escola-família. É de entendimento de todos que o racismo se revela a partir de várias esferas e de diversas formas, muitas vezes de uma forma mais explícita e em muitos casos, de forma implícita, mas não é só porque não é explícito que não é racismo, a nomeação dessa atitude é fundamental para que ocorra a mediação necessária em casos de discriminação.

De forma complementar, nota-se que dentro de um mesmo contexto pode ser detectado a presença de diversas formas de racismo mais explícito, tendo como exemplo os diversos casos registrados onde os professores se referem aos alunos como “macacos” em diversos estados do país. Até os casos mais implícitos, como o citado no decorrer de uma das entrevistas onde foi relatado que a professora regente

de sala, trocava apenas os nomes das crianças negras, além de uma insistência em se referir as mesmas através de apelidos:

Então, partia dela e assim era uma diferença e era no cotidiano mesmo... em momento aleatório... e só confundiam bebês negros, que no caso tem duas bebês que tem um tom de pele parecido (César, homem branco, 7º semestre).

Fora a questão dos nomes também, toda forma essa mania de ficar apelidando os bebezinhos é porque “moreninha” “pretinha”, “bolinha”. E as crianças brancas tem nome. Assim, eu já não gosto de chamar o bebê por apelido. Se fossem todos os bebês por apelido já seriam ruins... sendo só os bebês negros por apelido então. bebê brancos com nome é pior. E aí ela já não sabe diferenciar os bebês negros também [...] (César, homem branco, 7º semestre).

Sob essa perspectiva, é válido ressaltar que o uso de apelidos com crianças pequenas e bem pequenas por si só já é uma problemática, tendo em vista que a partir do momento que você deixa de lado o nome próprio daquele indivíduo para dar margem à um apelido, há uma interferência direta na formação de identidade daquela criança, na auto percepção. Além de ser acompanhado de uma visão muitas vezes adultocêntrica, onde essa “despersonalização” é consequência de uma perspectiva de infância, onde o adulto toma para si o direito da criança de ser chamada pelo nome. Me aproprio dos escritos de Cavalleiro (2024) ao enfatizar que isto não seria problemático se não vigorasse, no país, uma hierarquia étnica.

Dentro do contexto educacional, em específico os de educação infantil, é fundamental que o professor inserido em sala tenha seus conhecimentos e perspectivas de infância alinhadas com suas visões políticas, nesse caso, as de relações étnico raciais. Tendo em vista que nesse caso, características físicas das crianças foram utilizadas como estereótipo para se referirem a ela, as afastando do seu senso de identidade, dificultando a construção de uma auto imagem positiva, direito previsto por lei.

Outro aspecto relevante para o debate é a presença de diferenciações no tratamento de bebês brancos e negros nos contextos de educação infantil. O entrevistado relata que, em uma sala de referência, havia uma bebê loira, de olhos azuis e pele branca, representando o estereótipo eurocêntrico de beleza promovido pela mídia. Em contraste, também havia um bebê negro. Nesse dia específico, ele menciona que, apesar de já ter uma relação de confiança e proximidade com o bebê branco, a professora não permitiu que ele a banhasse. Por outro lado, o bebê negro,

com quem ele estava tendo contato pela primeira vez, foi entregue a ele pela professora para dar banho, sem qualquer hesitação

A professora não deixa você fazer nada com essa bebe, é uma bebe branca, loira e do olho azul. Ela realmente demorou... ela realmente demorou mais pra andar, mais pra ficar sentada, ela come menos. mas ela é uma bebe que está perfeitamente habituada comigo e que no primeiro dia fez tudo comigo. Mas ela não me deixou da comida, ela não me dar banho depois, ela não me deixou fazer nada. E esse bebê, negro, que era a primeira vez que eu estava vindo, que ainda estava se acostumando comigo, ela deu ele no meu braço e falou, "dá banho a ele". Talvez. Se fosse uma criança branca, isso não teria acontecido (César, homem branco, 7º semestre).

É válido ressaltar que os momentos do cotidiano da educação infantil, nesse caso, o banho e os momentos de alimentação, são elementos essenciais para o estabelecimento de uma rotina na educação infantil que esteja alinhada com os direitos da criança. Partindo da perspectiva legal, a criança possui direito de ser tratada igualmente, independentemente de fatores raciais e sociais.

O entendimento dos espaços de educação infantil enquanto locais racializados (Gomes; Araújo, 2023) é fundamental para a ampliação discursiva e teórica sobre o tema, essa concepção está alinhada diretamente com a necessidade de formar professores que saibam lidar com situações de conflito entre as crianças em relação ao tema, não apenas isso, é necessária uma formação do sujeito com o objetivo de intervir politicamente para além dos muros da escola.

Reforçando esse entendimento enquanto necessário, o entrevistado relata uma situação ocorrida numa escola de Aplicação em Fortaleza, entende-se centro de aplicação enquanto instituições de educação básica que possuem vínculos com instituições de ensino superior. Um dado importante para o debate é que as "Escolas de Aplicação" são reconhecidas por sua coerência epistemológica no que se refere a inovação de práticas pedagógicas, em outras palavras, são as "escolas ideais" presentes em diversos estados do Brasil.

No entanto, rompendo com essa idealização, nos foi relatado ao longo de uma das entrevistas um episódio de racismo dentro dessa instituição, é válido ressaltar que essas situações não são novidades nas escolas. No relato, o entrevistado menciona o ocorrido e como a professora interviu perante tal situação:

Houve uma situação porque a gente estava assistindo um vídeo né? Foi um projeto de propaganda e essa propaganda é a propaganda de sabão em pó e tinha uma mulher lavando roupa e era uma mulher negra. Era uma atriz.

Elá não estava como empregada. Elá estava como uma atriz. Estava com o cabelo modelado. Estava com uma roupa bonita normal. Normal. E elá estava ali colocando sabão em pó. Uma criança, criança branca que estava sentada ao lado de uma menina negra. Falou, “olha que mulher feia. Parece você.” a professora virou pra criança e falou. “Por que você falou isso?” E aí a criança falou “é porque o cabelo dela é feio”. E a mulher tinha cabelo preto. Mas elá não estava assim com o cabelo “black power” Elá estava com “dedo liss” praticamente no cabelo. E a criança do lado dela é uma criança que também tinha cabelo baixo. Pra você ver o nível de pensamento dessa criança. E aí a Professora a falou, “pois peça desculpa agora. O cabelo dela é lindo e você não tem direito de falar isso pra ninguém. Peça desculpa pra ela agora!” E a criança pediu desculpas, ficou super envergonhada, a gente terminou de ver o vídeo e a Professora puxou essa criança de lado e a outra criança e foi conversar ali para resolver a situação (César, homem branco, 7º semestre).

Partindo da perspectiva apontada nesse episódio, muitas camadas da mesma fala me chamaram atenção: a atitude da professora, a atitude da criança branca virar para a criança negra e falar a referida fala. Tal atitude reforça os dizeres de Cavalleiro (2024) quando em seus estudos, enfatiza a necessidade urgente dos professores e pessoas envolvidas nas dinâmicas educacionais, tomarem para si os conceitos pertencentes aos debates raciais, entendendo, por conseguinte, que as crianças assim como os adultos, possuem distinção racial e são passíveis de cometer e reproduzir atitudes racistas nos ambientes que elas se inserem.

[...] Penso que a não percepção do racismo por parte das crianças também está ligada à estratégia da democracia racial brasileira, que nega a existência do problema. [...] (CAVALLEIRO, 2024 p. 33).

Prosseguindo o mesmo acontecido, o entrevistado relata que após o incidente, a professora da sala de referência foi chamada até a coordenação da instituição e levou uma chamada de atenção, onde a coordenadora disse que ela estava errada ao constranger a criança e que “nessa instituição, não se age dessa forma”. A partir dessa perspectiva levantamos outro ponto essencial para o debate: o papel da escola enquanto instituição democrática de direito de todas crianças. Esse relato reflete que as barreiras que uma professora racialmente letrada e alinhada com suas concepções de infância, tem ao intervir em situações de discriminação racial nos interiores da instituição.

A concepção apontada pela coordenadora corrobora com a ideia onde “não há racismo nas escolas”; “não há discriminação racial entre as crianças”; colocando a escola enquanto um local falsamente neutro que indiretamente se alinha com o mito

da democracia racial, negando a existência do problema enquanto as raízes dele se aprofundam nos processos educacionais

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relembrando os leitores, o objetivo geral desta monografia é compreender a presença ou ausência da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) na formação em Pedagogia, tomando essa licenciatura como o locus central de formação inicial de docentes para atuação na Educação Infantil.

Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos três objetivos específicos: (1) analisar, a partir da percepção dos pedagogos em formação da FACED/UFC, se eles se sentem capacitados em relação à fundamentação teóricoprática da ERER; (2) mapear as (des)aparições da ERER na formação do(a) pedagogo(a) para atuação na Educação Infantil; e (3) investigar os desafios enfrentados pelos pedagogos em formação durante o estágio curricular, especialmente no que se refere à aplicação dos conceitos de relações étnico-raciais (ERER) na Educação Infantil.

Esses eixos orientam a análise que será desenvolvida nos capítulos subsequentes, buscando elucidar como a ERER se insere (ou não) na formação inicial de professores(as) e quais são os impactos dessa formação para a prática pedagógica na primeira infância.

A universidade, enquanto espaço de produção de conhecimento e debate, tem um papel fundamental na promoção da ERER. A presença de estudantes e professores negros na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED-UFC) enriquece as discussões sobre a temática, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e a valorização da diversidade. No entanto, a pesquisa evidenciou que a abordagem da ERER ainda é insuficiente e fragmentada no currículo do curso de Pedagogia. A ausência de uma disciplina obrigatória específica sobre o tema e a falta de integração transversal nas demais disciplinas limitam a formação crítica e reflexiva dos futuros pedagogos.

O estágio curricular emerge como um espaço crucial para a aplicação dos conceitos de ERER na prática pedagógica. No entanto, a pesquisa revelou que os estudantes muitas vezes se deparam com lacunas significativas nessa etapa, sentindo-se despreparados para lidar com situações de discriminação racial e para promover uma educação antirracista desde a primeira infância. A falta de uma abordagem integrada entre as disciplinas de Educação Infantil e as Relações ÉtnicoRaciais resulta em uma formação desconectada das demandas sociais e das especificidades do contexto educacional.

Os desafios na aplicação dos conceitos de ERER na Educação Infantil foram amplamente evidenciados nos relatos dos entrevistados. Situações de racismo explícito e implícito, como a diferenciação no tratamento de crianças brancas e negras, o uso de apelidos racializados e a falta de representatividade negra em posições de poder nas escolas, destacam a necessidade de uma formação mais consciente e contextualizada.

A pesquisa também revelou a importância de um letramento racial basilar para todos os pedagogos, independentemente de sua raça. A compreensão crítica das dinâmicas raciais e a capacidade de identificar e intervir em situações de discriminação são essenciais para a construção de um ambiente escolar inclusivo e democrático. Além disso, é fundamental que os professores reconheçam as crianças como sujeitos ativos e produtores de cultura, capazes de compreender e ressignificar as relações étnico-raciais desde os primeiros anos de vida.

A formação dos pedagogos deve estar alinhada com as demandas sociais e políticas da contemporaneidade, promovendo uma educação antirracista e inclusiva desde a Educação Infantil. A universidade, enquanto instituição formadora, tem a

responsabilidade de garantir que seus egressos estejam preparados para enfrentar os desafios do racismo estrutural e para contribuir com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**: Programa de pós-graduação em sociologia política da UFSC, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 22, de 7 de novembro de 2019**. Homologado pela Portaria MEC nº 2.167, de 19 de dezembro de 2019. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 2019. Seção 1, p. 142. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp00219/file>. Acesso em: 12 jan. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial da União, Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, 9 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 1998.

CARDOSO, Cintia. **A Branquitude na Educação Infantil**. Curitiba: Appris Editora, 2021.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco antirracista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.

CASTRO, Luciana Rabello. TEORIZAR SOBRE A INFÂNCIA DESDE UMA PERSPECTIVA DESCOLONIAL. In: CASTRO, Luciana Rabello (org.). **Infâncias do Sul Global: experiências, pesquisa e teoria desde a argentina e o brasil**. Salvador: Edufba, 2021. p. 61-77.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2024.

ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA. LEANDRO VIEIRA. **História para Ninar de Gente Grande. Samba-enredo**. Rio de Janeiro: Estação Primeira de Mangueira, 2019. Disponível em: [\[https://www.youtube.com/watch?v=uiYJEoKaCfYr\]](https://www.youtube.com/watch?v=uiYJEoKaCfYr). Acesso em: 8 jan. 2025.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Editora Nacional, 1965.

FORMOSINHO, Júlia Oliveira. Pedagogia (s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezzato (Orgs.). **Pedagogias(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GOMES, Nilma Lino (org.). **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (org.). **Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

HOOKS, b. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Pedagogia e a formação de professores (as) de Educação Infantil. **Pro-positões**, v. 16, n. 3, p. 35-60, 2005. Disponível em: [\[https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/download/8643684/11200\]](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/download/8643684/11200). Acesso em: 16 dez. 2024.

LINO, Dalila. A abordagem pedagógica de Reggio Emilia para a creche. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; ARAÚJO, Sara Barros. (Org). **Modelos pedagógicos para a educação em creche**. Porto Editora, 2018. p 93-112.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Redisputando a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido. A Pedagogia como lócus de formação profissional de educadores (as): desafios epistemológicos e curriculares. In: PIMENTA, Selma Garrido; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima (org.). **Pedagogia**: teoria, formação, profissão. São Paulo: Cortez Editora, 2021. p. 39-72.

PIZA, E. Porta de vidro: entrada para branquitude. In: CARONE, I; Bento, M. A. da S. (orgs.) **Psicologia Social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 59-90.

FORTALEZA: FACED/UFC. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia Vespertino-Noturno**. Fortaleza: FACED/UFC, 2014. Disponível em: <https://faced.ufc.br/wp-content/uploads/2018/09/ppc-vespertino-noturno-07-10-2014revise3o-mec-publicar-13-11.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023.

RINALDI, Carlina, 2002. Reggio Emilia: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental. In: EDWARDS, Carolyn GANDINI, Lella Bambini. **A abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 2002. p. 75-80.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. In: SÃO PAULO. Maria Aparecida Silva Bento. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Ceert, 2012. p. 10-46.

SAMPAIO, S. Cada Lugar na Sua Coisa. In: SAMPAIO, S. **Tem Que Acontecer**. [S.I.]: Warner Music Brasil, 2012. 1 CD.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências, In: Sarmento, M; GOUVEA, M. C. S (Org). **Estudos da Infância**: Educação e Práticas Sociais. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. 17-39.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascenção social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **UFC avança 10 posições e é a 23ª melhor da América Latina e a 1ª do Norte e Nordeste, aponta ranking britânico**. 2024. Disponível em: <https://www.ufc.br/noticias/17966-ufc-avanca-10-posicoes-e-ea-23-melhor-da-america-latina-e-a-1-do-norte-e-nordeste-aponta-ranking-britanico>. Acesso em: 18 jan. 2025.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/fF44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jan. 2025.

SAVIANI, Dermeval. Curso de Pedagogia no Brasil: oitenta anos de história. In: PIMENTA, Selma Garrido; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima (org.). **Pedagogia: teoria, formação, profissão**. São Paulo: Cortez Editora, 2021. p. 188213.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (PNEREQ)**. Brasília, DF: MEC/SECADI, [2013].

NUNES DE FREITAS, F. V; RODRIGUES DE OLINDA, S. “Pretagonismo” na Infância: a epistemologia presente\ausente na educação para relações étnicos raciais em um Centro de Educação Infantil. **Revista Cocar**, v. 21, n. 39, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/8979>. Acesso em: 18 jan. 2025.

ANEXO A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

1 PERFIL PESSOAL

- Nome; identificação; semestre
- De que forma a compreensão de sua própria raça é importante no seu entendimento enquanto professora em formação?
- De que maneira suas vivências pessoais de racismo ou de convivência com pessoas racializadas moldam a maneira como você lida com questões de preconceito racial na educação?

2 A FACED

- Dos componentes cursados até agora, quais delas incluíram o tema das Relações Étnico Raciais nas ementas das disciplinas?
- Qual a preparação que os professores parecem ter para lidarem com o tema?

- Na sua opinião, os professores que ministram as disciplinas relacionadas à educação étnico-racial estão suficientemente preparados para discutir esses temas?

3 OS ESTÁGIOS

- Ao seu ver, a forma que o curso de Pedagogia na FACED prepara ou não os profissionais para lidar com a diversidade étnico-racial atende a demanda das escolas e das crianças?
- Você já se deparou com situações de discriminação racial em seu estágio ou em experiências profissionais anteriores? A maneira que você lidou com isso tem interferência com sua formação?